



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO CAMPO
CURSO DE TECNOLOGIA EM AGROECOLOGIA**

KELLY MARTINS CORDEIRO

TRABALHO, CUIDADO E RESISTÊNCIA: o protagonismo de uma agricultora em um sistema de produção familiar na Comunidade Quilombola Baixo Itacuruçá, Abaetetuba-PA

**ABAETETUBA-PA
2026**

KELLY MARTINS CORDEIRO

TRABALHO, CUIDADO E RESISTÊNCIA: o protagonismo de uma agricultora em um sistema de produção familiar na Comunidade Quilombola Baixo Itacuruçá, Abaetetuba-PA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito obrigatório para a obtenção do grau de Tecnóloga em Agroecologia, pela Universidade Federal do Pará - Campus de Abaetetuba.

Orientadora: Profa. Dra. Roberta Rowsy Amorim de Castro.

ABAETETUBA-PA
2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD Sistema de
Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- C794t Cordeiro, Kelly Martins.
TRABALHO, CUIDADO E RESISTÊNCIA : o protagonismo de uma
agricultora em um sistema de produção familiar na Comunidade
Quilombola Baixo Itacuruçá, Abaetetuba-PA / Kelly Martins Cordeiro. —
2026.
IX,58 f. : il. color.
- Orientador(a): Prof^ª. Dra. Roberta Rowsy Amorim de Castro Trabalho
de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Pará,
Campus Universitário de Abaetetuba, Tecnologia em Agroecologia,
Abaetetuba, 2026.
1. agricultura familiar quilombola. 2. gênero. 3. Resistência . I.
Título.

KELLY MARTINS CORDEIRO

TRABALHO, CUIDADO E RESISTÊNCIA: o protagonismo de uma agricultora em um sistema de produção familiar na Comunidade Quilombola Baixo Itacuruçá, Abaetetuba-PA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito obrigatório para a obtenção de grau de Tecnóloga em Agroecologia, pela Universidade Federal do Pará - Campus de Abaetetuba.

Orientadora: Profa. Dra. Roberta Rowsy Amorim de Castro.

Data de aprovação:

Conceito:

Banca Examinadora

Orientadora

Profa. Dra. Roberta Rowsy Amorim de Castro
UFPA – Campus de Abaetetuba

Examinadora Interna

Profa. Dra. Joseline Simone Barreto Trindade
UFPA – Campus de Abaetetuba

Examinadora Externa

Profa. Especialista Jocilene Costa da Silva

AGRADECIMENTOS

Ao olhar minha trajetória acadêmica durante o período de graduação, percebo que cada avanço e aprendizado só foi possível porque muitas pessoas me ajudaram. De fato, o que faz a caminhada valer a pena não é apenas chegar ao destino, é saber quem esteve ao nosso lado durante todo o percurso.

Agradeço primeiramente a Deus, minha fonte inesgotável de força. Pela fé e coragem que me foram concedidas, mantive-me firme seguindo em frente mesmo quando o caminho se dividia. Agradeço também à São Francisco de Assis e a Nossa Senhora de Nazaré pela intercessão e proteção durante todos os momentos desta jornada que está se encerrando.

Aos meus pais André Rodrigues e Alice Machado, minha eterna Gratidão. Vocês foram meu pilar, meu combustível diário durante toda minha trajetória acadêmica. A cada passo meu dado e a cada sonho realizado carregam o amor, os valores e o exemplo que me deram. Esta conquista não é apenas minha, é nossa!

Aos meus irmãos, Edson, Vitor e David, cada um com seu jeito único e especial, talvez nem imaginem a importância que tiveram durante este processo. Obrigada por serem minha constante motivação silenciosa.

Ao meu namorado, William Costa, por ter sido meu porto seguro. Obrigada por transformar o caos dos prazos finais em momentos de calma e descontração. Mesmo diante dos meus medos e incertezas sempre me fazia acreditar que daria certo, e sempre dava. Obrigada por ser meu maior fã e fonte infinita de apoio e amor.

Deixo um agradecimento especial ao meu querido avô, Eladir Gonçalves (*in memoriam*), que seria meu paraninfo se ainda estivesse presente fisicamente entre nós. Sua partida em meio à minha jornada acadêmica me fez refletir que, em qualquer fase de nossas vidas, pessoas entram e saem sem que saibamos qual será o último momento ao lado delas.

À todos os meus tios(as), primos(as) e amigos(as), agradeço por aqueles finais de semana de descontração que me faziam lembrar de que a vida acadêmica era só uma parte da jornada. Vocês, sem saber, tornavam as minhas segundas-feiras de aula mais leves e renovavam minha energia para seguir em frente.

À Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus de Abaetetuba, por ser o solo fértil onde pude realizar um sonho. Estendo minha gratidão a todos os servidores da instituição que, de alguma forma me ajudaram, seja na prestação de serviços ou no acolhimento diário.

De modo especial, à Faculdade de Desenvolvimento do Campo (FADECAM), que abriu não apenas suas portas, mas também novos horizontes. Agradeço pelo ambiente acolhedor, onde meus sonhos foram acolhidos, desafiados e transformados.

Com muita admiração e respeito, agradeço a todos os professores que me acompanharam ao longo do curso, que não apenas transmitiram conhecimento, mas também ensinaram o valor da ética, da persistência e da busca pelo meu progresso acadêmico.

Em especial, à minha orientadora de TCC, Profa. Dra. Roberta Rowsy. Obrigada por exigir mais do que eu mesma acreditava ser capaz de realizar. Sua orientação, dedicação e incentivo foram essenciais para que eu conseguisse concluir esta importante etapa da minha vida.

Aos meus colegas de turma, o meu muito obrigada. A jornada acadêmica foi repleta de desafios, mas com vocês tudo foi mais leve. Gratidão pelo companheirismo, por dividirem o desespero das provas comigo e pelas palavras de incentivo. De modo particular, agradeço minhas colegas/amigas Adrianly, Gisely e Nataly, pelas conversas, pelo apoio e pelas risadas que aliviaram os dias difíceis

À Comunidade Quilombola Baixo Itacuruçá, através da ajuda e apoio de vocês durante o processo dos estágios supervisionados, foi possível vivenciar uma experiência linda e enriquecedora que muito contribuiu para minha formação acadêmica e pessoal.

Com admiração e carinho, estendo minha profunda gratidão às mulheres quilombolas mencionadas neste trabalho. De modo especial, agradeço Dona Maria Izabel, a qual aceitou ser peça chave nesta pesquisa. Obrigada pela confiança, suas contribuições foram essenciais e deixaram em mim marcas profundas que levarei para toda minha vida.

À Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (FASE) e seus colaboradores, agradeço pela disponibilidade em me receber como estagiária durante a realização do Estágio Institucional. Gratidão pela formação profissional, pela dedicação e por tudo o que aprendi ao longo do processo, sem dúvidas, foi uma experiência transformadora.

Por fim, mais não menos importante, agradeço a todos que de alguma forma me ajudaram durante esta longa caminhada, vocês também fazem parte do meu crescimento pessoal e acadêmico, e da conquista que hoje celebro.

RESUMO

Na agricultura familiar é comum que mulheres desempenhem múltiplas funções, porém, em razão do androcentrismo historicamente enraizado na sociedade, sua atuação raramente é reconhecida ou valorizada, apesar de sua importância. Neste sentido, este trabalho objetivou-se compreender e detalhar sobre o protagonismo de uma agricultora idosa quilombola, que chefia e administra um sistema de produção agrícola familiar composto por mulheres idosas na zona rural de Abaetetuba-PA, enfatizando as dimensões do trabalho, do cuidado e da resistência. A pesquisa foi realizada partir das vivências adquiridas durante os Estágios Supervisionados I, II, III e IV, do curso de Tecnologia em Agroecologia, da Universidade Federal do Pará - Campus de Abaetetuba-PA, realizados na comunidade quilombola Baixo Itacuruçá. O presente escrito foi desenvolvido por meio de um estudo de caso, sendo conduzido por meio das observações direta e participantes, aplicação de questionário semiestruturado, registros fotográficos e cadernos de campo. A partir disso, a pesquisa evidenciou o protagonismo e atuação de Dona Maria Izabel na agricultura familiar, demonstrando sua fundamental importância para a manutenção da propriedade e do sistema produtivo nela desenvolvido, constituídos pelos subsistemas de cultivo, de criação, agroextrativista e o quintal agroflorestal. Além disso, sua atuação se estende à promoção da segurança alimentar e do cuidado com a família, já que ela assumiu a responsabilidade de cuidar da mãe e da irmã, ambas doentes. O estudo também demonstrou as dificuldades enfrentadas por Dona Maria Izabel, especialmente pela condição de ser mulher agricultora, quilombola e idosa. Neste contexto, destacaram-se o preconceito de gênero e étnico, a desvalorização e falta de reconhecimento de seus trabalhos, a sobrecarga resultante do acúmulo de funções, as limitações físicas decorrentes de sua idade, além da incerteza sobre a continuação das atividades produtivas na propriedade familiar. Mas, apesar dos desafios, a trajetória da agricultora é marcada pela resistência e pelas estratégias de superação frente às adversidades que atravessaram seu caminho. Desse modo, a pesquisa contribuiu para dar visibilidade a Dona Maria Izabel, reconhecendo sua importante atuação nas atividades agrícolas, na gestão da propriedade e no cuidado com a família.

Palavras-chave: agricultura familiar quilombola; gênero; resistência.

ABSTRACT

In family farming, it is common for women to perform multiple roles; however, due to the historically ingrained androcentrism in society, their work is rarely recognized or valued, despite its importance. In this sense, this work aimed to understand and detail the leading role of an elderly quilombola farmer who heads and manages a family agricultural production system composed of elderly women in the rural area of Abaetetuba-PA, emphasizing the dimensions of work, care, and resistance. The research was conducted based on experiences acquired during Supervised Internships I, II, III, and IV of the Agroecology Technology course at the Federal University of Pará - Abaetetuba-PA Campus, carried out in the quilombola community of Baixo Itacuruçá. This paper was developed through a case study, conducted through direct and participant observations, application of a semi-structured questionnaire, photographic records, and field notebooks. From this, the research highlighted the leading role and performance of Dona Maria Izabel in family farming, demonstrating her fundamental importance for the maintenance of the property and the productive system developed there, consisting of the subsystems of cultivation, livestock farming, agro-extractive activities, and the agroforestry backyard. Furthermore, her work extends to promoting food security and family care, as she has taken on the responsibility of caring for her mother and sister, both of whom are ill. The study also demonstrated the difficulties faced by Dona Maria Izabel, especially due to her status as a female farmer, a member of a quilombo community, and an elderly woman. In this context, gender and ethnic prejudice, the devaluation and lack of recognition of her work, the overload resulting from the accumulation of functions, the physical limitations resulting from her age, and the uncertainty about the continuation of productive activities on the family farm stood out. But, despite the challenges, the farmer's trajectory is marked by resilience and strategies for overcoming the adversities that have crossed her path. Thus, the research contributed to giving visibility to Dona Maria Izabel, recognizing her important role in agricultural activities, farm management, and family care.

Keywords: Family farming in quilombola communities; gender; resistance.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
2	AGRICULTURA FAMILIAR SOB A PERSPECTIVA DE GÊNERO.....	11
3	METODOLOGIA.....	13
3.1	Caracterização da área de estudo enquanto município e comunidade.....	14
3.2	Materiais, métodos, ferramentas e instrumentos utilizados.....	16
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	17
4.1	Histórico da interlocutora objeto do estudo.....	17
4.2	O protagonismo de Dona maria izabel e as múltiplas facetas da sua atuação e trabalho na propriedade familiar.....	23
4.2.1	Subsistema de cultivo.....	24
4.2.2	Subsistema de criação.....	28
4.2.3	Subsistema agroextrativista.....	29
4.2.4	Quintal Agrofloresta.....	31
4.3	Desafios enfrentados por Dona Maria Izabel e as demais mulheres de sua família...34	
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
	REFERÊNCIAS.....	39
	ANEXO A – QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO UTILIZADO DURANTE OS ESTÁGIOS DE CAMPO II E III, CUJOS ALGUNS DADOS COLETADOS RESULTARAM NESTE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO.....	46
	ANEXO B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E GRAVAÇÃO	58

1 INTRODUÇÃO

Historicamente, as mulheres têm enfrentado uma trajetória de negação de protagonismo, especialmente no contexto do trabalho na agricultura familiar. Nesse âmbito, o trabalho produtivo executado por elas tem sido sistematicamente invisibilizado e subestimado, refletindo a influência do androcentrismo e de uma sociedade marcada pela disparidade de gênero profundamente enraizada (Martins *et al.*, 2020). Essa dinâmica se manifesta de forma contínua, limitando o reconhecimento do papel das mulheres na agricultura familiar e em outros contextos.

A tradicional divisão sexual de papéis dentro da esfera familiar sempre colaborou significativamente para a desigualdade de gênero, ao definir as mulheres como responsáveis pelo trabalho reprodutivo, enquanto os homens como atuantes no trabalho produtivo (Martins; Godinho; Campos, 2024). Ainda nos dias atuais, a permanência da ideia de que o trabalho de mulher é inerentemente diferente do trabalho de homem permanece mais difundida do que se imagina. Tal permanência, não só sustenta desigualdades de gênero, como também reforça ainda mais a dicotomia de estereótipos de gênero na sociedade (Faial; Moreira; Nascimento, 2025).

Refletindo sobre a contextualização do trabalho produtivo e reprodutivo, Herrera (2019), explica que o trabalho produtivo é realizado geralmente em espaços públicos com direito a remuneração, e o reprodutivo está estreitamente ligado à esfera privada, onde a mulher trabalha em prol do lar e da maternidade, o que parece sem rentabilidade aos moldes capitalistas. Apesar de o histórico social da participação das mulheres no trabalho produtivo no campo, seja na criação de pequenos animais ou no cultivo de hortas domésticas, ser amplamente presente, essas atividades raramente são reconhecidas como trabalho. Em vez disso, são frequentemente caracterizadas como obrigações domésticas ou subjugadas como meras coadjuvantes dos trabalhos exercidos pelos homens (Herrera, 2019).

Considerando uma pesquisa sobre a divisão sexual do trabalho nas regiões do Brasil, Sousa e Guedes (2016) analisaram que, ao longo da última década, houve um grau marcante e assimilar de desvalorização e desigualdade no trabalho em todas as regiões. Segundo os autores, as mulheres e as atividades desenvolvidas por elas são sempre diminuídas em relação à atuação do homem. Essa falta de valorização do trabalho feminino acarreta consequências profundas na vida das mulheres e na sociedade como um todo. Conforme destacado por Biroli (2018), a hierarquia de gênero afeta até mesmo as mulheres que detêm privilégios, porém essa

problemática se intensifica ainda mais quando se trata de mulheres em situações de vulnerabilidade.

Desde o século XIX, as mulheres lutam por trabalho formal e igualdade de direitos, em uma sociedade dominada pela figura masculina. O século XX foi um período marcante, onde ocorreram grandes transformações históricas: as mulheres conquistaram o direito ao voto, avanços legais e maior acesso à educação, além de ampliarem sua presença no mercado de trabalho, refletindo a modernização social (Renk; Buziquia; Bordini, 2022). Ainda que muitas conquistas e direitos significativos tenham sido auferidos pelas mulheres no decorrer do processo de desconstrução dessa hierarquização e na busca por direitos igualitários, a equidade de gênero e a valorização do trabalho da mulher ainda estão longe de ser uma realidade (Odelli, 2024). A persistência dessas desigualdades destaca a necessidade de seguir lutando em busca da igualdade de gênero e do reconhecimento do trabalho das mulheres. Sousa e Guedes (2016) nos lembram que ainda há muito a ser feito para alcançar essa igualdade que tanto se almeja.

Nesse contexto, investigar a atuação de mulheres agricultoras em estabelecimentos agrícolas específicos torna-se fundamental para entender suas experiências e desafios. Ao se tratar de estabelecimentos em comunidades quilombolas, isso se torna ainda mais relevante, pois, é onde as questões de interseccionalidade se cruzam, tornando essas experiências ainda mais particulares e complexas. A partir disso, o presente trabalho abordará sobre o protagonismo de uma mulher agricultora, quilombola e idosa em seu estabelecimento agrícola, mostrando as suas múltiplas facetas de trabalho e dificuldades particulares encontradas neste contexto. Tendo em vista a complexidade e a relevância do assunto, este escrito pretende responder os seguintes questionamentos: como ocorre o protagonismo dessa mulher agricultora dentro do estabelecimento agrícola familiar? E quais são os desafios que ela, como agricultora, quilombola e idosa, enfrenta?

Para responder às referidas questões norteadoras, este trabalho tem como objetivo geral compreender e detalhar sobre o protagonismo de uma agricultora idosa quilombola, que chefia e administra um sistema de produção agrícola familiar composto por mulheres idosas na zona rural de Abaetetuba-PA, enfatizando as dimensões do trabalho, do cuidado e da resistência. Segundo Hirakuri *et al.* (2012), o sistema de produção compreende os subsistemas de cultivo e/ou de criação, podendo conter também o subsistema agroextrativista e o quintal agroflorestal, todos desenvolvidos no âmbito de uma propriedade rural. Além disto, a temática destaca a importância do trabalho produtivo realizado por essa mulher, que desempenha um papel essencial na manutenção e bem-estar da família.

Seguindo essa lógica, os objetivos específicos são: a) Resgatar o histórico da agricultora objeto da pesquisa, evidenciando sua resistência diante das adversidades da vida; b) Apresentar as distintas atuações e trabalhos desempenhados pela interlocutora em seu sistema de produção e sua contribuição para a segurança alimentar e manutenção familiar; c) Destacar as dificuldades enfrentadas pela interlocutora e como esta resiste e se adapta diante dos desafios de ser uma mulher agricultora, idosa e quilombola, responsável por um núcleo familiar formado por mulheres idosas.

Inicialmente, o interesse de pesquisar a temática em questão surgiu a partir das vivências adquiridas durante os Estágios Supervisionados I, II, III e IV, do curso de Tecnologia em Agroecologia, da Universidade Federal do Pará - Campus de Abaetetuba-PA. Os estágios foram realizados na comunidade quilombola do Baixo Itacuruçá, em Abaetetuba-Pará, onde os(as) discentes imergiram em sistemas de produção familiares. Em meio a essa experiência, destacou-se um estabelecimento agrícola conduzido e administrado exclusivamente por mulheres, sendo que, a mulher que mais atua no sistema produtivo e na condução das demais atividades essenciais à manutenção familiar possui mais de 60 anos de idade, chamando, desta forma, a atenção para a importância do papel dessa mulher dentro da gestão e produção agrícola familiar.

Embora autores como Freitas (2024) e Erazo, Costa e Silva (2021) destaquem a importância da participação das mulheres na agricultura, ainda há uma carência de pesquisas que aprofundem a compreensão das dinâmicas de atuação e do empoderamento de mulheres em contextos rurais no Brasil, em especial na Amazônia e no município de Abaetetuba. Essa carência de pesquisas, se torna ainda mais evidente quando se pesquisa trabalhos que tratam sobre mulheres quilombolas e idosas que trabalham no campo. Nesse sentido, esta pesquisa visa contribuir para o avanço do conhecimento na área de estudos de gênero e desenvolvimento rural, ajudando a preencher as lacunas existentes na literatura sobre a realidade das mulheres agricultoras nesta região.

Com base nessas considerações, o presente trabalho está estruturado a partir desta introdução, onde são apresentados a problematização, a justificativa e o objetivo da pesquisa. A seguir consta a fundamentação teórica, em que são discutidos conceitos importantes; na terceira seção é abordado o local de pesquisa e o caminho metodológico escolhido e, na quarta seção, estão os resultados e discussão do trabalho, seguido pelas considerações finais, referências e anexos.

2 AGRICULTURA FAMILIAR SOB A PERSPECTIVA DE GÊNERO

Segundo Galdino (2024), a agricultura familiar refere-se a um sistema de produção agrícola que se baseia na gestão de pequenas propriedades rurais familiares, onde a mão de obra predominante é da família, que desempenha um papel crucial na produção de alimentos para o sustento e segurança alimentar. Nesse modelo, a família assume integralmente o processo produtivo, desde o plantio até a comercialização dos produtos oriundos da propriedade. De acordo com Herrera (2016), a expressão agricultura familiar ganhou visibilidade no Brasil no final dos anos 1980, intensificando-se em meados dos anos 1990.

Na agricultura familiar, a participação das mulheres na gestão dos estabelecimentos agropecuários tem aumentado, indicando mudanças nas relações de gênero no meio rural. Segundo o Censo Agropecuário de 2017, 19% dos estabelecimentos brasileiros eram administrados por mulheres, antes 13% em 2006. No Pará, esse avanço foi mais expressivo, passando de 11% para 20%, totalizando 57.473 estabelecimentos sob gestão feminina. Apesar desse crescimento, as mulheres representam apenas 21,1% dos proprietários de terras no estado, evidenciando desta forma a permanência das desigualdades no acesso à terra (IBGE, 2017). Essa diferença está relacionada, entre outros fatores, às formas de aquisição das propriedades, já que a herança permanece como principal meio de acesso das mulheres, enquanto os homens apresentam maior participação na aquisição por compra (Deere; Léon, 2003).

Além do acesso à terra, as desigualdades de gênero também se refletem na organização do trabalho nas propriedades familiares. Embora, na agricultura familiar a tomada de decisões e o trabalho envolvido seja exclusivamente da família, é importante salientar que, a desigualdade na divisão das tarefas dentro dessa esfera ainda é uma realidade presente nas propriedades familiares rurais. Neste viés, Denes e Carvalho (2024) mencionam em seus estudos que, a desigualdade na divisão sexual do trabalho é reforçada por ideias tradicionais que atribuem certos trabalhos a homens ou mulheres, com base em supostas características inatas. Os autores complementam afirmando que essa definição de papéis justifica que alguns trabalhos são adequados apenas para mulheres, devido às peculiaridades femininas, associadas ao amor e ao instinto materno, não carecendo de remuneração neste caso. Essa ideia contribui para a perpetuação de que o trabalho na esfera privada, doméstico e do cuidado, é uma responsabilidade exclusiva da mulher, enquanto o papel de provedor e dos trabalhos produtivos na agricultura (do roçado) é de responsabilidade do homem, assim como em outras atividades em ambientes de esfera pública.

Desse modo, os trabalhos domésticos e de cuidados atribuídos às mulheres pela divisão sexual “envolvem serviços pessoais para outras pessoas, são atividades que se voltam para as necessidades físicas, intelectuais e afetivas e para outras demandas emocionais de cônjuges, filhos e pessoas idosas, doentes ou com deficiências” (Herrera, 2019, p. 72). Diante disso, as mulheres frequentemente associam o cuidado com os outros à sua identidade, assumindo essa responsabilidade como algo naturalizado socialmente. Isso leva à priorização da família em detrimento do autocuidado, podendo causar sobrecarga física e emocional (Renk; Buziquia; Bordini, 2022). Essa dinâmica reforça desigualdades no uso do tempo e decorre de uma construção histórica que vincula a mulher ao papel de cuidadora. Assim, constata-se que a posição da mulher rural na família é fortemente influenciada pelas representações associadas à maternidade e à domesticidade, reforçando papéis tradicionais (Tedeschi, 2013). Isso limita a autonomia e a participação da mulher em espaços de decisão, perpetuando a desigualdade em diversos campos, incluindo o rural.

Apesar de enfrentarem desigualdades em relação aos homens, as mulheres rurais desempenham papel fundamental na agricultura familiar, contribuindo para a subsistência, segurança alimentar e conservação ambiental. As atividades cotidianas realizadas pelas agricultoras são essenciais para o bem-estar de suas famílias (Herrera, 2016). No entanto, as diversas atividades produtivas realizadas por elas são consideradas socialmente tarefas domésticas, incluindo a produção de alimentos, o cuidado com pequenos animais, a manutenção de hortas e recursos naturais, o cuidado com o quintal agroflorestal, bem como outras atividades, tudo isto porque essas atividades são realizadas ao entorno da casa, visando o cuidado familiar.

Segundo Freire (2023), ao longo da história, as mulheres têm sido responsáveis pelo trabalho doméstico independentemente de seu *status* socioeconômico. No entanto, a desigualdade varia significativamente em função do gênero e da raça, atrelados à situação econômica. “A estrutura hierárquica e racista que moldou a sociedade brasileira no período colonial persiste na contemporaneidade e, nas mulheres negras se cristalizou ainda mais a estrutura de dominação, dessa forma, elas sofrem discriminação por serem mulheres e negras” (Guedes; Salgado, 2020, p. 333). Neste sentido, a sociedade tende a tratar mulheres de maneira distintas, geralmente com base em sua origem e raça, o que reflete preconceitos e estereótipos arraigados, resultando em experiências e oportunidades desiguais, especialmente para as agricultoras negras e quilombolas.

De acordo com essa perspectiva, é importante entender que, de forma geral, a sociedade invisibiliza as mulheres e os trabalhos realizados por elas, mas quando chega na parte do ser

mulher agricultora e quilombola, essa invisibilidade se torna ainda mais complexa. “A partir desse olhar, percebe-se que para as mulheres quilombolas a questão das opressões tem características particulares; fatores interseccionais se combinam para criar uma complexa teia de opressão que impacta profundamente suas vidas” (Denes; Carvalho, 2024, p. 6). Assim, ainda que as agricultoras quilombolas desempenhem um papel vital em suas famílias e comunidades a que pertencem, frequentemente são desvalorizadas.

Esse panorama se agrava entre agricultoras quilombolas idosas, que enfrentam uma tríplice camada de invisibilidade e exclusão: por serem mulheres, agricultoras, quilombolas e idosas. Suas atividades são frequentemente desvalorizadas em razão da idade, “mesmo nos casos onde as mulheres são independentes da figura masculina, geralmente solteiras ou viúvas, sofrem igualmente de ausência de reconhecimento” (Mendonça, 2021, p. 4). Nessa perspectiva, Mendonça (2021) enfatiza que reconhecer o trabalho produtivo das mulheres agricultoras é essencial para romper a barreira da invisibilidade que historicamente as envolveu.

3 METODOLOGIA

Como já mencionado anteriormente, a presente pesquisa foi desenvolvida a partir dos Estágios Supervisionados I, II, III e IV, do curso de Tecnologia em Agroecologia, ofertado pela Faculdade de Formação e Desenvolvimento do Campo (Fadecam), da Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus de Abaetetuba-PA. O Estágio Supervisionado I foi realizado entre os dias 24 a 28 de novembro de 2022; os Estágios Supervisionados II e III foram integrados e ocorreram entre os dias 11 a 17 de outubro de 2023; e Estágio Supervisionado IV aconteceu entre os dias 20 a 25 de maio de 2024.

Os estágios supervisionados são atividades obrigatórias que inserem os(as) discentes no contexto rural por meio da vivência na agricultura familiar, integrando teoria e prática e proporcionando experiência na área de formação. Seguindo tal lógica, Lima, Vasconcelos e Correia Neto (2021, p. 3) afirmam que “a teoria-prática, a metodologia e os conteúdos compõem um todo, um conjunto orgânico, de modo que, ao serem selecionados para compor o ensino do curso de Agroecologia precisa ter muito presente os princípios, os objetivos, a finalidade da formação técnica”.

Em função disso, os estágios possibilitam a integração mútua entre conhecimentos científicos e empíricos, promovendo a construção coletiva de saberes entre discentes e as famílias de agricultores e agricultoras anfitriãs, pois enquanto os(as) discentes colocam em prática o arcabouço teórico adquirido em sala de aula, os(as) agricultores(as) partilham as suas

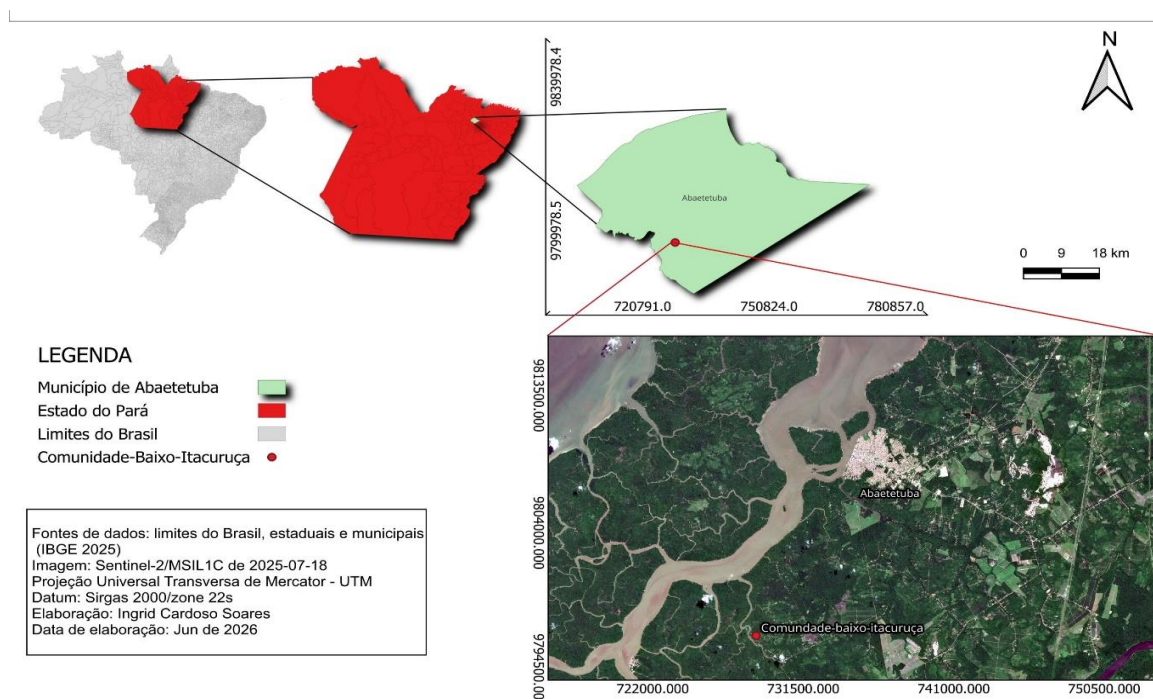
práticas e conhecimentos locais. Portanto, ao final dos estágios é esperado que os(as) discentes desenvolvam capacidades técnicas e críticas, tornando-se, desta maneira, profissionais mais qualificados para atuarem no mercado de trabalho e nas distintas realidades da agricultura familiar regional. Ademais, as experiências adquiridas podem ser usadas para novas pesquisas, projetos e trabalhos de cunho acadêmico, como é o caso deste, o que sem dúvidas é um retorno e uma contribuição social para a comunidade e, em especial, para a agricultora e a família objeto deste trabalho.

3.1 Caracterização da área de estudo enquanto município e comunidade

Este trabalho foi elaborado com base em dados coletados em pesquisas de campo realizadas na propriedade da Dona Maria Izabel, localizada na comunidade quilombola Baixo Itacuruçá (Figura 1), pertencente a zona rural de Abaetetuba-PA, durante os períodos de estágios supervisionados da turma 2020 do curso de Tecnologia em Agroecologia da UFPA.

O município de Abaetetuba, onde se localiza a comunidade citada, faz parte do Território Baixo Tocantins, na região Norte do Brasil e região Nordeste paraense, apresenta uma área geográfica de 1.610,654 km², sendo habitado por 158.188 pessoas, de acordo com o Censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022).

Figura 1 - Mapa de localização da Comunidade Baixo Itacuruçá, no município de Abaetetuba-Pará

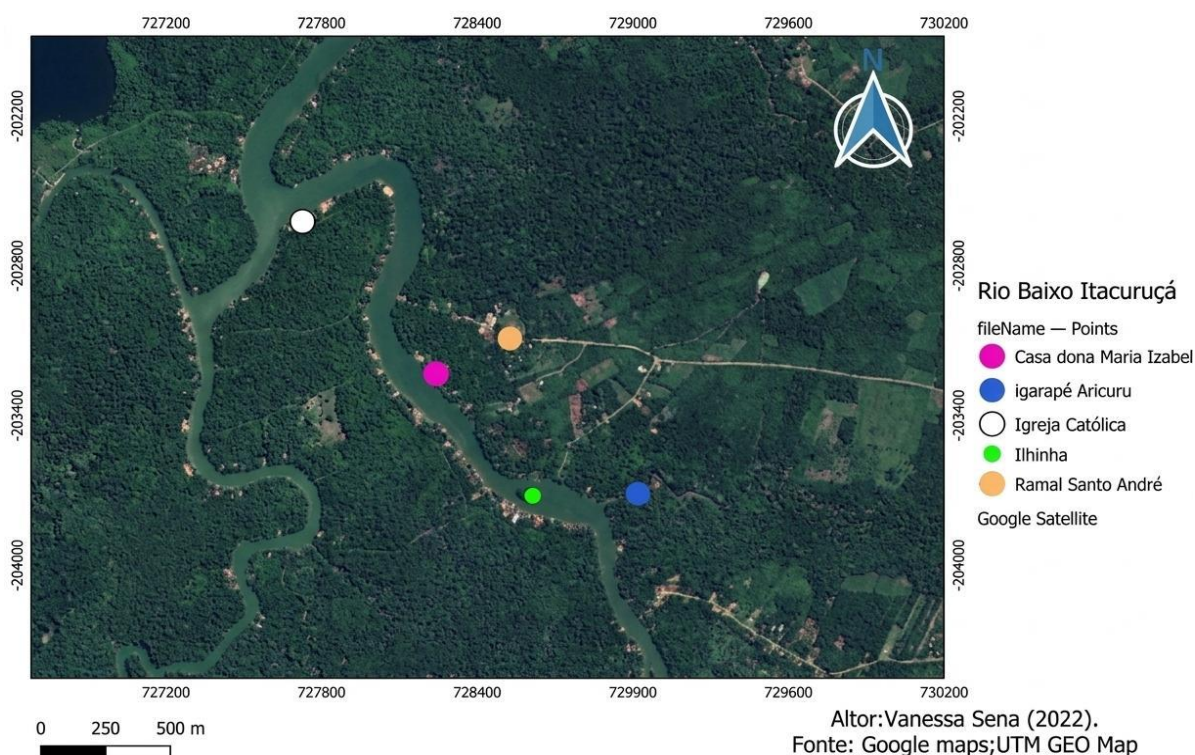


Fonte: Elaborado por Ingrid Soares (2026).

O território municipal é constituído por um conjunto de aproximadamente 72 comunidades de ilhas, onde residem populações quilombolas, ribeirinhas, extrativistas, pescadores artesanais, agricultores(as) etc. Uma dessas é a comunidade quilombola Baixo Itacuruçá, localizada nas seguintes coordenadas geográficas $1^{\circ}44'22''\text{S}$ e $48^{\circ}54'48''\text{W}$ (Gonçalves *et al.*, 2021).

A comunidade Baixo Itacuruçá está situada às margens do rio Itacuruçá, afluente do rio Costa Maratauíra, ficando próxima às cidades de Moju, Barcarena e Igarapé-Miri. Pojo e Elias (2018, p. 59) explicam que a comunidade do Baixo Itacuruçá “corresponde a porção do curso do rio com residências, olarias, o centro comunitário e a capela da igreja católica, o ramal do Santo André, entre outros”. Na Figura 2 é possível observar o mapa de localização do Baixo Itacuruçá e de alguns dos pontos mencionados pelas autoras, além da localização da casa da Dona Maria Izabel, interlocutora deste estudo.

Figura 2 - Mapa de localização do rio Baixo Itacuruçá, Abaetetuba-Pará



Fonte: Elaboração própria (2022).

O território do Baixo Itacuruçá possui áreas de várzea e terra firme, com a presença de estradas de terra, rios e igarapés, o que possibilita aos comunitários a utilização de meios de transporte terrestres e aquáticos. O acesso à comunidade pode ocorrer por ambas as vias. Pela via terrestre, o deslocamento acontece pela Rodovia PA-151, na altura do Km 16, acessando o

ramal Itacuruçá ou Santa Rosa. Porém, a rota mais utilizada pelos comunitários é a hidroviária, que partindo da orla de Abaetetuba, denominada localmente de “beira”, o deslocamento é realizado por embarcações de pequeno ou grande porte pelos rios Campompema, Maratauíra e Arapapú, até chegar ao rio Baixo Itacuruçá, o trajeto pode variar de 30 a 60 minutos de duração, a depender do tipo de embarcação utilizada (Pojo, 2017).

A partir dos estágios realizados na localidade, observou-se que a economia da comunidade é diversificada e fundamentada em diferentes atividades, destacando-se o agroextrativismo do açaí (*Euterpe oleracea* Mart.), o cultivo de roças de mandioca (*Manihot esculenta* Crantz.), os quintais agroflorestais, criações de pequenos animais, além das olarias e pequenos estabelecimentos comerciais (mercearias), criando assim uma rede econômica diversa.

3.2 Materiais, métodos, ferramentas e instrumentos utilizados

O presente escrito foi desenvolvido a partir de um estudo de caso, método que é definido por Yin (2005), como uma estratégia de pesquisa empírica que investiga um fenômeno atual dentro do seu contexto real, mesmo que os limites entre o fenômeno estudado e o contexto não sejam visivelmente definidos. O estudo teve como público alvo uma agricultora cuja família é composta exclusivamente por mulheres com mais de 60 anos. Conforme já mencionado, a pesquisa e a coleta de dados ocorreram durante os Estágios Supervisionados do curso de Tecnologia em Agroecologia, realizados nos anos de 2022, 2023 e 2024.

Durante o período de vivência com a família foram utilizadas diversas ferramentas metodológicas, entre elas a observação direta e a observação participante. De acordo com Verdejo (2006), a observação direta dos eventos, dos processos e das relações estabelecidas entre as pessoas possibilita uma compreensão mais ampla e aprofundada da realidade observada. Já a observação participante propõe manter um olhar atento e sensível sobre o contexto analisado, aproveitando as possibilidades de compartilhar e participar de momentos do cotidiano com os agricultores. Desse modo, Azamor (2021), descreve que a pesquisa participante possibilita que o pesquisador investigue e participe ao mesmo tempo, sem que haja qualquer tipo de hierarquia sobre os pesquisados. Nessa atuação conjunta, o conhecimento de cada um é importante para alcançar metas comuns.

Diante disso, o uso da observação participante mostrou-se essencial no processo dessa pesquisa. Por meio dessa ferramenta, foi possível não só apenas observar, mas também experimentar e colaborar com as atividades cotidianas executadas por Dona Maria Izabel,

incluindo os trabalhos nas roças de mandioca, a produção de farinha e a limpeza do açaizal. Também possibilitou identificar e compreender, de forma mais detalhada, as limitações e dificuldades enfrentadas no contexto rural, contribuindo para a análise da realidade pesquisada.

Além das metodologias supracitadas, foi empregada a técnica de aplicação de questionário semiestruturado (Anexo A), por meio da realização de entrevistas. Esse tipo de questionário é previamente elaborado com o objetivo de levantar informações dos sujeitos pesquisados, podendo conter perguntas abertas ou fechadas, desde que formuladas de forma objetiva e clara, de modo a serem bem compreendidas por parte dos participantes da pesquisa (Severino, 2013). O questionário utilizado foi discutido e apresentado em sala de aula previamente à realização dos estágios, junto com as orientações metodológicas para aplicação deles. No Anexo A está o questionário utilizado nos Estágios II e III, cujas questões aprofundam os aspectos sociais e produtivos da família e seus estabelecimentos.

Também foram realizados registros fotográficos, com o objetivo de capturar aspectos visuais relevantes observados durante o período da realização da pesquisa. O uso de caderno de campo também foi um recurso bastante importante nesse processo. Drumond (2019) explica que o caderno de campo atua como fonte primária de pesquisa, uma vez que os registros das observações se tornam um material fundamental para a discussão, a problematização e reflexão sobre o cotidiano e a experiência vivenciada ao longo da investigação.

Cabe destacar que, para fins de atualização e complementos de dados, durante os meses de maio e junho de 2026 foi necessário realizar conversas com Dona Maria Izabel por meio do aplicativo de mensagem *WhatsApp*. Ressalta-se ainda que, visando garantir o uso ético e responsável das imagens ou vídeos produzidos, foi assinado o Termo de Autorização de Uso de Imagem e Gravação (Anexo B).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta seção está estruturada em três eixos principais. No primeiro, é apresentado o panorama geral da história de vida da agricultora Maria Izabel, que constitui o objeto da pesquisa; o segundo eixo discute o seu protagonismo, destacando as múltiplas atuações de trabalho desempenhadas pela agricultora e as de demais mulheres que compõem a sua família e, por fim, o terceiro aborda os principais desafios enfrentados pela agricultora e sua família.

4.1 Histórico da interlocutora objeto do estudo

Dona Maria Izabel nasceu em 1960 na comunidade quilombola do Baixo Itacuruçá. Iniciou suas atividades na agricultura familiar a partir dos sete anos de idade, onde trabalhava ajudando a sua família a manejar o subsistema de roça, o qual é definido como “representante do tipo de agricultura de derruba e queima ou de pousio ou de coivara [...]” (Martins, 2005, p. 219). Nesse sistema eram cultivadas culturas como mandioca e maxixe (*Cucumis anguria* L.), entre outras culturas anuais. A participação nessa atividade permitiu que Dona Maria Izabel aprendesse a realizar os trabalhos no sistema de cultivo e como manejar a terra, deixando evidente sua trajetória marcada pelo trabalho e resistência desde muito nova.

Em decorrência das limitações de acesso à educação na década de 1970, Dona Maria Izabel estudou apenas até a 4ª série do Ensino Fundamental. Em 1972, com apenas 12 anos de idade, mudou-se sozinha para Belém em busca de melhores condições de vida, onde passou a residir com seu tio e trabalhar como babá de sua sobrinha. Após um tempo residindo com seu tio, começou a trabalhar como empregada doméstica em casas de famílias. Essa experiência infelizmente não se configura como um caso à parte, pois Gonzalez (2021) destaca que a infância de grande parte das mulheres negras é marcada pela inserção precoce no mundo do trabalho, o que nos leva a refletir sobre o elevado número de crianças em situação de trabalho infantil e a expressiva presença de meninas negras exercendo o trabalho doméstico em residências de terceiros.

Dando continuidade à sua história, aos 16 anos de idade, Dona Maria Izabel teve sua primeira filha, a qual foi criada pela avó materna. Em 1981, na capital paraense, casou-se, e como frutos desse casamento nasceram três filhos, sendo duas mulheres e um homem. O casamento durou 10 anos, chegando ao fim no ano de 1991. A partir do término de seu casamento, Dona Maria Izabel optou por não se casar novamente, porém, em 1993, teve seu quinto e último filho, fruto de um relacionamento passageiro.

Embora tenha residido em Belém por cerca de 40 anos, Dona Maria Izabel manteve fortes vínculos com sua comunidade de origem, o Baixo Itacuruçá, para onde retornava pelo menos três vezes ao ano, especialmente durante o período natalino, para visitar amigos e familiares. Mesmo após décadas longe, seu pertencimento ao território permaneceu firme, demonstrando que não se extinguiu com a mudança de endereço (Baixo Itacuruçá/Belém), pois os laços identitários permaneceram firmes ainda que tenha passado 40 anos residindo em outra cidade (Belém).

Então, em 2012, Dona Maria Izabel retornou à sua comunidade de origem com o propósito de cuidar de sua mãe, que se encontrava enferma e necessitada de acompanhamento. Ao chegar na cidade de Abaetetuba, deparou-se com outra situação delicada, sua irmã, que

trabalhava desde os 14 anos de idade em casa de família na cidade, também apresentava condições de saúde fragilizadas e demandava cuidados especiais. Diante desse cenário, Dona Maria Izabel assumiu a responsabilidade de prestar assistência à irmã e, em busca de atendimento especializado, se deslocou novamente para a cidade de Belém, levando sua irmã consigo. Após consultas e avaliações médicas, Dona Maria Izabel retorna à comunidade acompanhada da irmã, que precisaria de cuidados contínuos devido ao diagnóstico de esteatose hepática (gordura no fígado), condição que exigiria mudança no seu hábito alimentar, além do uso regular de medicações e da realização de tratamento especializado.

Desse modo, Dona Maria Izabel passou a exercer um papel fundamental como cuidadora no âmbito familiar, assistindo a mãe e a irmã adoentadas simultaneamente, expressando sua resistência e compromisso com a família, já que assumiu as responsabilidades e a árdua tarefa do cuidado que poderiam ser compartilhadas com os outros seus oito irmãos, sendo cinco mulheres e três homens. Sobre esse cenário, é relevante mencionar que estudos apontam que, embora, alguns homens também se dediquem ao cuidado com pessoas da família, as mulheres cuidadoras ainda são e provavelmente continuarão sendo a grande maioria entre os cuidadores familiares, o que se deve à história e seculares determinações sociais de gênero (Carvalho; Borim; Neri, 2022). Sendo assim, a história de Dona Maria Izabel insere-se nesse contexto, pois ela abdicou de sua vida na cidade de Belém e tomou a decisão de cuidar dos familiares que se encontravam com problemas de saúde.

Logo após seu retorno à comunidade, Dona Maria Izabel constatou que parte da propriedade de seus pais estava sendo ocupada por terceiros, os quais alegavam posse da área mediante documentos fraudulentos. Entretanto, a alegação de posse apresentada era incompatível com a realidade, uma vez que na propriedade já existiam três residências familiares estabelecidas, uma ocupada pela sua mãe, que na época morava sozinha, outra pela família de sua irmã e uma terceira pela família de seu irmão. Diante dessa situação, Dona Maria Izabel buscou auxílio jurídico e após encontrar o documento de Cessão de Direitos Hereditários, conseguiu comprovar que a terra legitimamente pertencia à sua família.

Com a regularização da situação da propriedade, ela passou a residir no lote com sua mãe e irmã, que se encontrava adoentada. O lote possui 15 hectares de extensão, sendo usado de forma coletiva por ela e pelas famílias de seu irmão e de sua irmã, que também residem no mesmo local, diferentemente dos demais irmãos, que por não residirem na comunidade, não fazem uso da área em questão. Embora o lote seja usado coletivamente, cabe citar que as áreas exclusivas para o cultivo de roças são utilizadas e manejadas somente por Dona Maria Izabel, neste caso, mesmo que os irmãos estejam no lote não participam das atividades relacionadas à

essa atividade. Tendo em vista a atuação decisiva e resistente da agricultora para impedir a perda de parte do lote, após assegurar a permanência de sua família no local, ela passou a ser a gestora e administradora da propriedade.

Considerando o último ano do estágio, em 2024, aos 64 anos, Dona Maria Izabel residia juntamente com sua mãe de 96 anos e sua irmã de 63 anos, ambas com problemas de saúde. Sua mãe, em razão da idade avançada e de suas limitações para se comunicar e para se locomover, necessitava de cuidados contínuos, sendo seu deslocamento realizado por meio de cadeira de rodas. Em virtude de sua atual situação, ela não conseguia contribuir nas atividades produtivas e nem nas tarefas relacionadas à manutenção da propriedade. No que se refere à contribuição financeira para a unidade familiar, a idosa recebia dois benefícios previdenciários, a aposentadoria própria e a pensão por morte de seu falecido esposo. A administração desses recursos era realizada por Dona Maria Izabel.

Deste modo, a renda de uma aposentadoria era destinada à contratação de uma pessoa para auxiliar nos cuidados diários da idosa, bem como nas atividades domésticas. Já o valor da outra aposentadoria era utilizado para a compra de medicamentos, produtos de higiene pessoal, e de alimentos necessários à sua saúde e bem-estar. Assim, constata-se que a totalidade da renda recebida pela idosa era utilizada em prol de suas próprias necessidades.

Quanto a irmã de Dona Maria Izabel, devido aos problemas de saúde, não realizava atividades que exigissem esforço físico, inclusive não conseguindo auxiliar nos cuidados com a mãe. Sua participação restringia-se a algumas tarefas domésticas e ao cultivo de plantas ornamentais na residência. Por ser aposentada e receber benefício previdenciário, contribuía parcialmente para a renda familiar e para as despesas da casa. No entanto, grande parte do recurso era destinado aos gastos relacionados ao acompanhamento médico mensal na cidade de Abaetetuba, na aquisição de medicamentos e produtos de uso pessoal. Além disso, ela também destinava parte do valor à construção de sua casa, localizada ao lado da residência de Dona Maria Izabel. Sendo assim, embora ela participasse das despesas familiares, sua colaboração era restrita por motivos associados à saúde e seus compromissos financeiros pessoais.

No que se refere à situação de Dona Maria Izabel, sua realidade se difere da vivida por sua mãe e irmã. Constatou-se durante a pesquisa que ela atua diretamente no desenvolvimento das atividades produtivas e é a principal responsável pela manutenção e gestão de toda a propriedade familiar. Dona Maria Izabel é aposentada, e além do benefício que recebe também desenvolve atividades comerciais para complementar a renda familiar. Entre elas destacam-se as vendas de combustível (gasolina e óleo diesel), bombons, skilhos, chopp de frutas, brechó, associadas a comercialização de farinha de mandioca e ovos.

Os dois últimos produtos, na maioria das vezes, são oriundos da própria produção familiar, mas, quando essa produção não é suficiente a agricultora adquire esses produtos fora da propriedade com a finalidade de complementar a produção própria e atender a demanda. Essa forma que Dona Maria Izabel utiliza para ampliar as fontes de renda se caracteriza como uma fundamental estratégia de resistência e adaptação frente às limitações econômicas da família, pois segundo ela, o intuito das atividades comerciais é complementar a renda proveniente da aposentadoria, e conseguir suprir todas as necessidades familiares.

Visto o que foi mencionado, Dona Maria Izabel (Figura 3) passou a exercer um papel central na dinâmica familiar, conciliando os cuidados e as responsabilidades da família com a condução das atividades produtivas e gerenciamento da propriedade. Embora ela atue incansavelmente nos trabalhos dos sistemas produtivos, é importante mencionar que ela não consegue realizar tudo sozinha, especialmente nas áreas de roças de mandioca que são cultivadas somente por ela na propriedade. Neste caso, ela conta regularmente com o apoio de sua cunhada de 52 anos e de seus sobrinhos, ambos residentes na área familiar, além de, em algumas situações, recorrer à contratação de mão de obra.

Figura 3 - Imagem atual de Dona Maria Izabel



Fonte: Imagem cedida pela interlocutora da pesquisa (2026).

Em termos relacionados aos filhos de Dona Maria Izabel, todos residem na cidade de Belém, onde constituíram suas próprias famílias e desenvolveram suas trajetórias pessoais e profissionais. Entretanto, mesmo com a distância geográfica, eles preservam o forte vínculo afetivo com a comunidade Baixo Itacuruçá, mantendo viva a tradição de visitar a comunidade em datas comemorativas e em festividades locais para rever a mãe, parentes e amigos, reforçando os laços de pertencimento. Desta forma, os filhos preservam e reproduzem o mesmo vínculo que a agricultora preservou com o Baixo Itacuruçá durante o período em que residiu em Belém.

Cada fase da vida de Dona Maria Izabel revela a sua força, demonstrando como por meio do trabalho, da resistência e da superação construiu sua história. A Figura 4 apresenta uma síntese cronológica da vida da agricultora, permitindo uma visão geral, clara e organizada de sua trajetória.

Figura 4 - Linha cronológica da história de vida de Dona Maria Izabel



Fonte: Elaboração própria (2026).

Mais do que uma sequência de datas e acontecimentos, a linha do tempo a ser apresentada retrata os principais momentos vividos por ela ao lado de sua família, destacando as conquistas, os desafios e transformações que marcaram sua vida.

4.2 O protagonismo de Dona Maria Izabel e as múltiplas facetas da sua atuação e trabalho na propriedade familiar

A sociedade rural é marcada historicamente pelo patriarcalismo, com homens predominando na gestão e tomada de decisões. No entanto, com as transformações ocorridas na agricultura familiar, as mulheres passaram a buscar maior participação nas atividades produtivas e na geração de renda, indo além das responsabilidades domésticas. Seu trabalho contribui significativamente para o desenvolvimento rural, pois a comercialização dos produtos cultivados nas pequenas propriedades melhora as condições de vida das famílias e possibilita investimentos em áreas essenciais, como educação e saúde (Freitas *et al.*, 2025). Assim, as mulheres vêm conquistando maior visibilidade, ao mesmo tempo em que rompem com as dinâmicas tradicionais de gênero no meio rural (Gomes *et al.*, 2024).

Considerando o exposto, a atuação de Dona Maria Izabel representa um exemplo importante desse processo, pois ela não apenas participa das atividades cotidianas de trabalho na propriedade de sua família, mas também é responsável pelo gerenciamento integral de toda área herdada de seu pai. Importante ressaltar que, pelas limitações de saúde que acometem mãe e irmã, ambas não participam da administração e nem das atividades produtivas desenvolvidas no local, mesmo que residam na mesma propriedade. Essa condição contribui para uma divisão do trabalho específica dentro do núcleo familiar, na qual as responsabilidades da produção e da gestão ficam concentradas em Dona Maria Izabel.

Na propriedade da família são realizadas atividades integradas em diferentes subsistemas produtivos, abrangendo o cultivo agrícola, a criação de aves e o agroextrativismo vegetal, além da presença do quintal agroflorestal que contribui para a diversificação da produção. Entre as atividades realizadas por Dona Maria Izabel, destaca-se o cultivo de roças de mandioca, atividade à qual ela se dedica de forma contínua juntamente com sua cunhada, que também reside no lote da família. Essa atividade constitui uma importante base produtiva e econômica da unidade familiar, uma vez que a mandioca processada é comercializada em forma de farinha.

A Figura 5 apresenta o croqui do sistema de produção agrícola da agricultora, que foi elaborado com base na percepção, experiência e conhecimento que a interlocutora da pesquisa possui sobre a propriedade familiar. Esse tipo de representação não se limita a uma simples ilustração espacial do lote, mas expressa de forma sistemática e interpretativa, como ocorre a organização dos sistemas produtivos dentro da área.

Figura 5 - Croqui do sistema de produção de Dona Maria Izabel



Fonte: Elaboração própria (2023).

A partir do que é apresentado no croqui, na sequência serão detalhados os subsistemas existentes na propriedade, bem como também, será apresentada a importante atuação da Dona Maria Izabel na manutenção de cada um deles, ressaltando seu papel fundamental para a continuidade das práticas produtivas desenvolvidas no lote de sua família.

4.2.1 Subsistema de cultivo

No Nordeste Paraense, além das roças exclusivamente voltadas ao cultivo da mandioca, a prática da agricultura itinerante é amplamente utilizada por agricultores familiares em áreas de policultivos, ou seja, é comum os agricultores associarem a mandioca a outras culturas (Fonseca; Castro, 2017). Isso também é feito por Dona Maria Izabel, que combina em suas três roças o cultivo de mandioca com a macaxeira, o milho (*Zea mays* L.), o maxixe, o jerimum (*Cucurbita pepo* L.) e o gergelim (*Sesamum indicum* L.) (Figura 6). Esse arranjo de cultivo aumenta a produtividade e garante produção de alimentos durante o ano todo, proporcionando maior segurança alimentar aos agricultores e suas famílias (Santos; Silva, J.; Silva, E., 2021).

Figura 6 - Roça de mandioca em combinação com macaxeira, milho, maxixe, jerimum e gergelim.



Fonte: Pesquisa de campo (2023).

As roças de Dona Maria Izabel são cultivadas tanto em áreas pertencentes à própria propriedade quanto, esporadicamente, em roças de meia, como é o caso da roça de mandioca 3 apresentada no croqui. A roça de meia se constitui a partir do momento em que o(a) agricultor(a) faz o seu cultivo no lote de terceiros e “[...] como pagamento para cultivar a área, o agricultor dá metade da produção ao proprietário”, conforme destaca Moreira e Schmitz (2019, p. 5).

Nesse viés, a agricultora, juntamente com sua cunhada se organizam e dedicam-se incansavelmente nos trabalhos desenvolvidos nas roças da propriedade familiar, englobando desde a limpeza das áreas, a plantação, a colheita e também durante a produção da farinha de mandioca, que se configura como pilar fundamental para a segurança alimentar e geração de renda familiar. Durante as atividades desenvolvidas nas roças de mandioca, por vezes, é necessária a contratação de mão de obra complementar, cuja remuneração pode ocorrer tanto em dinheiro quanto por meio de parte da produção obtida, prática comum nas relações de trabalho estabelecidas no contexto rural local.

A Figura 7 apresenta alguns registros fotográficos dos processos mencionados, evidenciando um pouco das atividades desempenhadas nas roças de mandioca por Dona Maria Izabel e sua cunhada.

Figura 7 - Registros de: A - Roças em fase de crescimento; B - Roças em estágio ideal para colheita; C - Mandioca colhida; D - Produção da farinha de mandioca.



Fonte: Pesquisa de campo (2023).

A produção da farinha é destinada tanto para a alimentação da família, quanto para a comercialização, sendo 50% destinada para o consumo familiar e 50% para a venda. Essa dinâmica proporciona a geração de renda e possibilidades de aquisição de produtos externos da propriedade. Essa dinâmica evidencia uma dupla função desempenhada pela atividade, que, ao mesmo tempo que assegura o abastecimento alimentar da unidade familiar, constitui uma importante fonte de renda, o que consequentemente fortalece a autonomia econômica da família.

O preparo da área destinada ao cultivo das roças de mandioca é realizado de forma tradicional, por meio do sistema de corte e queima da vegetação, prática amplamente utilizada pelos agricultores da região, podendo ser realizado no verão ou no inverno. Segundo a agricultora, a depender do período em que são implantadas, as roças são denominadas de “roças de verão” ou “roças de inverno”. As roças de verão são geralmente queimadas no mês de julho,

período com pouca incidência de chuvas, enquanto as roças de inverno são queimadas no final do mês de novembro, antecedendo o período chuvoso.

Do ponto de vista de Melo (2017), o sistema de corte e queima garantiu por anos a reprodução de famílias na agricultura familiar, mas a proporção entre o tempo de cultivo e o período de pousio influencia diretamente a produtividade da área ao longo dos ciclos agrícolas. Quando utilizado de forma contínua, esse sistema compromete a fertilidade do solo e dificulta o alcance de um desenvolvimento rural sustentável nas dimensões ambiental, social e econômica. Além disso, com o aumento populacional no meio agrícola, ampliou-se o uso da terra, aumentando as queimadas e reduzindo o período de pousio/descanso das áreas, comprometendo seriamente a recuperação natural do solo e a produtividade agrícola (Rego; Kato, 2017).

Tendo em vista as observações apontadas pela literatura em relação ao sistema de corte e queima, Dona Maria Izabel relata que nunca percebeu problemas decorrentes do método que utiliza, e que na sua percepção isso se explica pela disponibilidade de diferentes áreas para o cultivo, incluindo as próprias e as utilizadas no sistema de meia. Essa condição possibilita que, após o término da colheita a agricultora deixe a área cultivada ficar em descanso por, no mínimo, doze meses, estratégia que favorece a regeneração natural da vegetação e do solo, evitando impactos geralmente associados ao sistema de corte e queima.

Apesar de Dona Maria Izabel não identificar efeitos prejudiciais em suas roças, cabe evidenciar que ela reconhece que a prática de corte e queima gera impactos ambientais negativos, especialmente pela emissão de fumaça e de gases que contribuem para a poluição do ar. Entretanto, a carência de recursos, informações e de políticas públicas voltadas à assistência técnica e extensão rural e à capacitação em práticas agroecológicas contribui para que ela continue usando a agricultura tradicional, método que aprendeu quando ainda criança com sua família e está acostumada em seu cotidiano.

Diante dessa realidade, torna-se necessário adotar práticas agrícolas mais sustentáveis, capazes de reduzir danos ambientais e garantir a conservação dos recursos naturais (Cordeiro *et al.*, 2024). Frente a esse cenário, novas formas de produção baseadas nos princípios da sustentabilidade surgiram, entre elas, a Agroecologia, que passou a ganhar destaque por incentivar práticas agrícolas mais resilientes e ambientalmente sustentáveis, já que busca integrar os aspectos ambientais, sociais, econômicos e culturais da agricultura, conciliando com produção de alimentos e a conservação dos ecossistemas

Embora na propriedade de Dona Maria Izabel ainda seja realizada a agricultura de corte e queima, é importante mencionar que não há utilização de agrotóxicos em seu sistema

produtivo, prática que dialoga com os princípios agroecológicos. Tal conduta demonstra uma relação de cuidado com a produção e com a saúde, onde esse cuidado se expressa na prevenção da contaminação do solo e de recursos naturais, ofertando também alimentos livres de resíduos químicos. Essa abordagem se fundamenta no uso consciente dos recursos naturais, apontando possíveis caminhos rumo a uma agricultura mais viável e sustentável (Caporal; Paulus; Costabeber, 2009). Nesse sentido, mesmo que Dona Maria Izabel não realize um sistema totalmente agroecológico, ela agrega práticas que se aproximam de seus fundamentos.

4.2.2 Subsistema de criação

Embora a atividade com maior destaque para Dona Maria Izabel e sua família sejam as roças de mandioca, a agricultora em questão também se dedica às atividades realizadas no subsistema de criação na propriedade, que pode ser definido como “um arranjo espacial e cronológico das populações de animais com entradas de alimentos e água, e saídas de carne ou outros produtos animais” (Porto, 2003, p. 104). Esse subsistema atua de forma complementar contribuído para a diversificação das atividades, ampliação das possibilidades de autoconsumo e para o fortalecimento da segurança alimentar da família.

Na propriedade de Dona Maria Izabel foi observada a criação de aves, definidas pela agricultora como galinhas caipiras e caipirões (*Gallus domesticus*). Sobre essa criação, Dona Maria Izabel relatou que, devido seu núcleo familiar ser formado somente por mulheres idosas e precisarem de uma alimentação mais saudável, resolveu investir desde 2016 na criação de aves. Essa iniciativa surgiu como uma estratégia voltada à garantia do acesso a alimentos frescos e de qualidade para a sua família, garantindo uma fonte de alimento de fácil disponibilidade no próprio lote. Dessa forma, em casos de ausência ou insuficiência de alimentos adequados, Dona Maria Izabel recorre ao consumo das aves que cria, bem como a produção de ovos das aves.

Assim, a criação de aves de Dona Maria Izabel destina-se especialmente ao autoconsumo familiar, como também para a produção de ovos. Porém, a agricultora relatou que quando há uma quantidade excedente, uma parte é destinada à comercialização, o que contribui para a geração de renda adicional para a família. As galinhas são criadas em um galinheiro localizado no quintal da residência (Figura 8) sendo o manejo realizado exclusivamente por Dona Maria Izabel. A alimentação das aves é composta principalmente por ração e milho, sendo que grande parte desse milho é proveniente das roças da própria família, onde é cultivado em consórcio com a mandioca e outras culturas agrícolas.

Figura 8 - Casa das aves criadas por Dona Maria Izabel



Fonte: Pesquisa de campo (2022).

Considerando o exposto, concorda-se com Grisa (2007) e Camargo (2017), uma vez que, de modo geral, o subsistema de criação em estabelecimentos agrícolas representa muito para os agricultores e agricultoras, independentemente do porte da atividade. Além de contribuir diretamente para o autoconsumo, ele também favorece a geração de renda familiar, mesmo que a produção não seja comercializada, pois “economizando o valor equivalente à compra de alimentos, as unidades familiares podem utilizar este recurso para outras necessidades” (Grisa, 2007, p. 20). Complementarmente, Camargo (2017) enfatiza que a produção voltada ao autoconsumo contribui para ampliar a autonomia das famílias diante das condições sociais e econômicas que envolvem as unidades produtivas, reduzindo a dependência do mercado e os impactos causados pelas variações de preços.

4.2.3 Subsistema agroextrativista

A prática do subsistema agroextrativista consiste em um modelo de produção geralmente associado à agricultura familiar, que combina atividades agrícolas e pecuárias com a extração sustentável de recursos naturais, como espécies vegetais, animais ou minerais

(Carrazza, 2019). Sendo assim, Dona Maria Izabel desenvolve atividades agroextrativistas voltadas especialmente para a coleta do açaí nativo e do miriti (*Mauritia flexuosa* L.F).

A área de sua família possui um açaizal já consolidado, sendo utilizado de forma coletiva por ela e pelas famílias de seus irmãos que residem no lote. Além dessa área de uso coletivo, Dona Maria Izabel possui uma área de uso individual, onde foram introduzidos cinquenta pés de açaí no ano de 2023. Essa iniciativa se caracteriza como uma estratégia produtiva da agricultora, que relata a intenção de investir e ampliar ainda mais a produção de açaí na propriedade. Sua expectativa é que, futuramente, com a redução ou descontinuidade das roças de mandioca em sua propriedade, em função de sua idade e limitações físicas, a produção do açaí possa assumir o papel de carro chefe, sendo um importante gerador de renda familiar. Desse modo, suas ações demonstram sua adaptação frente aos desafios que vão surgindo.

No subsistema agroextrativista da agricultora objeto desse estudo não é realizada a coleta de produtos naturais de origem animal (caça), sendo seu objetivo a coleta do açaí nativo e do miriti para complementar a alimentação de sua família. Em 2012, após seu retorno à comunidade, Dona Maria Izabel, à época com 52 anos de idade, tentou realizar a extração do açaí, assim como fazia antes de sua mudança para a cidade de Belém, no entanto, durante a realização dessa atividade acabou sofrendo uma queda da palmeira do açaí, ocasionando uma lesão na coluna que a deixou impossibilitada de executar a coleta do fruto. Em função disso, atualmente, ela remunera os filhos de sua cunhada que residem no lote para executarem essa atividade, que é essencial para a segurança alimentar de sua família. Ressalta-se ainda que, a extração do açaí realizada a pedido da agricultora é destinada exclusivamente para o consumo familiar, não possuindo finalidade comercial.

Durante a entressafra do açaí, que coincide com o inverno amazônico, a coleta do miriti surge como uma importante alternativa econômica e alimentar para a família, uma vez que nesse período o açaí se torna mais escasso. Segundo Souza, Barros e Silva (2016), o extrativismo do miriti é uma prática tradicional que acompanha gerações de famílias na Amazônia. A safra do fruto ocorre durante o inverno amazônico, porém as palmeiras mais antigas apresentam frutos maduros já nos meses de novembro. Entre as diferentes formas de consumo do miriti, destaca-se o mingau, o qual costuma ser servido por Dona Maria Izabel como lanche logo pela manhã. Ressalta-se que, assim como o açaí, o miriti é extraído exclusivamente para o consumo da família.

Diferentemente do açaí, a agricultora atua na coleta do miriti normalmente, já que os frutos são coletados debaixo da palmeira, após a sua queda. No processo atuam também a sua sobrinha e sua cunhada, uma vez que o lote é de uso compartilhado pela família. Isso demonstra

a profunda conexão entre a cultura alimentar local e os recursos naturais oferecidos pela floresta, destacando a importância do agroextrativismo vegetal para a segurança alimentar e nutricional das comunidades amazônicas, como os ribeirinhos e quilombolas.

4.2.4 Quintal Agroflorestal

Segundo Rondon Neto *et al.* (2004, p. 126), “o quintal agroflorestal é a área ao redor da casa onde são feitos plantios de árvores, cultivo de grãos, hortaliças, plantas medicinais e ornamentais e criação de animais na mesma unidade de terra”. Dona Maria Izabel chama o quintal agroflorestal da sua residência de terreiro, nele encontra-se uma diversidade de espécies, sendo caracterizado pela presença de frutíferas perenes, espécies florestais, ornamentais e medicinais, todas fundamentais para garantir acesso rápido a alimentos e outros insumos naturais. Vale destacar que, segundo relato de Dona Maria Izabel, as espécies frutíferas e perenes estão presentes no quintal desde a época em que ela e seus irmãos eram crianças. Contudo, embora essas espécies estejam no quintal desde sua infância, ela atua ativamente na manutenção e permanência dessa variedade na propriedade familiar.

Em contrapartida, as espécies ornamentais foram introduzidas posteriormente por Dona Maria Izabel, sobretudo por influência de sua irmã, que na época da pesquisa residia com ela. A participação da irmã nessa atividade ocorria tanto pela localização das espécies, pois estão estabelecidas no pátio da residência, quanto por demandar menor esforço físico. Dessa maneira, embora apresentasse problemas de saúde, ela conseguia participar do cultivo e manejo das plantas ornamentais e medicinais, atividades que proporcionam ocupação, promoção do relaxamento e redução do estresse, considerando que ela passava maior parte do tempo em casa devido seu estado de saúde. Peixoto Filho (2024) afirma que o cultivo de plantas ornamentais, ervas e vegetais em residências domésticas possui uma profunda eficácia terapêutica promovendo um estado de calma e bem-estar.

Para além de sua função produtiva e terapêutica, o quintal produtivo contribui para a conservação ambiental. Diante disso, a atuação de Dona Maria Izabel também se destaca pela estratégia de conservação adotada neste subsistema. A preocupação e compromisso da agricultora pode ser observado pela presença de seriúbeiras (*Avicennia germinans* L.) plantadas por iniciativa própria em frente à sua residência (Figura 9), com o objetivo de ajudar na contenção da erosão costeira e na proteção da mata ciliar. Essa prática reflete sua consciência ambiental e o reconhecimento da importância da vegetação na proteção dos recursos naturais.

Nesse caso, Costa, F. e Costa, W. (2023, p. 7) afirmam que “os quintais agroflorestais se configuram como sistemas de uso da terra com a função de proteção e produção”, o que pode ser observado no caso do agroecossistema de Dona Maria Izabel, onde as espécies vegetais encontradas no quintal produtivo não desempenham apenas funções relacionadas ao abastecimento alimentar da família, mas também contribuem para a conservação ambiental. As espécies vegetais presentes neste subsistema não são utilizadas para fins de comercialização, sendo mobilizadas para uso familiar e, ocasionalmente, para doações aos vizinhos e visitantes.

Figura 9 - Seriúbeiras plantadas em frente à residência de Dona Maria Izabel



Fonte: Pesquisa de campo (2023).

No Quadro 1 é possível observar detalhadamente a diversidade de espécies presentes no quintal agroflorestal da agricultora, bem como seus respectivos nomes científicos e seus usos específicos. Essa ampla gama de espécies reflete e traduz a riqueza do que é possuir um sistema diverso. Sob essa perspectiva, cabe reconhecer a importante atuação de Dona Maria Izabel e de sua irmã na diversificação, manutenção e conservação desse agroecossistema.

Quadro 1 - Espécies vegetais encontradas no quintal agroflorestal de Dona Maria Izabel

Espécies vegetais	Nome científico	Uso/finalidade
--------------------------	------------------------	-----------------------

Manga	<i>Mangifera indica</i> L.	Alimentação e doação
Avapão	<i>Artocarpus altilis</i> (Parkinson)	Alimentação e doação
Jambo	<i>Syzygium melancense</i> (L.) Merr. & L.M. Perry	Alimentação e doação
Ingá	<i>Inga edulis</i> Mart.	Alimentação e doação
Caju	<i>Anacardium</i> L.	Alimentação e doação
Mamorana	<i>Pachira aquática</i> Aubl.	Uso externo para inflamações e dores
Verônica	<i>Dalbergia monetária</i> L.	Chá para dor de barriga e cicatrização
Seriúba	<i>Avicennia germinans</i> L.	Prevenção da erosão costeira

Fonte: Elaboração própria (2023).

A varanda da residência e a área frontal do terreiro apresentam ainda uma significativa diversidade de espécies vegetais ornamentais, conforme ilustra a Figura 10. Essas plantas são cultivadas e cuidadas pela irmã de Dona Maria Izabel, evidenciando sua contribuição na manutenção e organização do espaço doméstico. No Quadro 2 encontram-se listadas as espécies ornamentais identificadas no lote.

Figura 10 - Plantas ornamentais na varanda da casa



Fonte: Pesquisa de campo (2023).

Quadro 2 - Plantas ornamentais presentes na propriedade de Dona Maria Izabel e de sua família

Nome popular	Nome científico
Jasmim vermelho	<i>Ixora coccinea</i> L.
Coração de Jesus	<i>Caladium bicolor</i> (Ailton) vent.
Erva da fortuna	<i>Tradescantia fluminensis</i> Vell
Anarilis-azul	<i>Griffinia liboriana</i> E. Morren

Alho Japonês	<i>Allium tuberosum</i> Roller ex Spreng.
Begônia asa de anjo	<i>Begonia aconitifolia</i> A. DC.
Antúrio	<i>Anthurium andraeanum</i> Lindem ex André
Dois amores	<i>Euphorbia tithymaloides</i> L.
Abaneiro	<i>Clusia rosea</i> Jacq.
Onze-horas	<i>Portulaca pilosa</i> L.
Suculenta	<i>Kalanchoe gastonis-bonnierii</i> Raym. – Hament & H. Perrier

Fonte: Elaboração própria (2023).

4.3 Desafios enfrentados por Dona Maria Izabel e as demais mulheres de sua família

As mulheres rurais, assim como em outros ambientes sociais ao longo do tempo, ganham força no meio em que vivem, embora ainda convivam com inúmeros desafios, como a desvalorização de seus trabalhos (Gehring, 2025). No caso analisado neste estudo, os desafios tornam-se mais específicos, considerando que Dona Maria Izabel é mulher, quilombola e possui uma faixa etária acima dos 60 anos.

Segundo Pereira *et al.* (2020), as mulheres quilombolas idosas costumam enfrentar uma série de desafios no meio rural, que vão muito além das questões econômicas. Além da falta de reconhecimento de seus trabalhos, lidam diariamente com barreiras de gênero, marcadas pela discriminação e pelo preconceito; as barreiras étnicas, que atingem com maior intensidade os grupos étnicos minoritários; e as barreiras etárias, que desvalorizam especialmente o trabalho das mulheres idosas. Soma-se a isso, a sobrecarga pela dupla e até tripla jornada de trabalho, que de acordo com Silva *et al.* (2026), resulta em desgastes físicos e psicológicos como problemas relacionados ao sono, a alimentação, ao cansaço físico e a exaustão emocional, além de sentimento de culpa, insuficiência, baixa autoestima e sobrecarga decorrentes das diferentes responsabilidades assumidas.

No caso de Dona Maria Izabel, os desafios se apresentam em relação às barreiras de gênero, que por ser mulher, seus trabalhos, sobretudo, os de cuidado no âmbito familiar são apenas vistos como obrigação, sendo assim não recebe o devido reconhecimento e valorização. Quanto às barreiras étnicas, a agricultora relatou que durante o período que residiu em Belém, frequentemente sofria preconceitos por parte de seus patrões em razão de sua origem quilombola e por ser uma mulher negra. E, por fim, sobre as barreiras etárias, Dona Maria Izabel não se recorda de já ter vivenciado situações explícitas de desvalorização relacionadas à sua idade. No entanto, é importante salientar que, as próprias limitações associadas ao envelhecimento podem ser interpretadas como uma barreira natural que pode influenciar ou impedir o melhor desempenho, sobretudo, nas atividades que exigem maior força física. Neste sentido, as mudanças decorrentes do avanço da idade, como a redução da força e da capacidade

física para a realização de atividades laborais, podem contribuir para a desvalorização ou até mesmo para a invalidação do trabalho desempenhado, especialmente os desenvolvidos no meio rural.

Diante das limitações que enfrenta, especialmente por ser uma mulher idosa e a principal responsável pelo núcleo familiar também composto por mulheres idosas e que demandam cuidados contínuos, Dona Maria Izabel sempre conta com a ajuda inestimável de sua cunhada (Figura 11), que com dedicação participa ativamente de todas as etapas do cultivo das roças de mandioca existentes na propriedade da família, atuando como pilar fundamental em sua vida e na lida diária. Juntas, além de cultivarem e cuidarem das roças de mandioca, elas também trabalham unidas na produção da farinha de mandioca, dividindo o resultado de forma igualitária, fruto da parceria sólida construída ao longo dos anos.

Figura 11 - Registros de: A - Dona Maria Izabel chegando na roça; B - Dona Maria Izabel e sua cunhada realizando a capina da roça; C - A cunhada realizando a colheita da mandioca; D - Dona Maria Izabel descansando durante o processo de colheita da mandioca.



Fonte: Pesquisa de campo (2023).

É importante destacar também que, embora Dona Maria Izabel e sua cunhada realizem 80% dos trabalhos sozinhas nas roças, em determinadas ocasiões torna-se necessária a contratação de mão de obra adicional, geralmente masculina (Figura 12), para auxiliar na execução de tarefas que demandam maior esforço físico, como a limpeza das áreas de plantio, a colheita, o transporte da produção até o retiro e a fabricação da farinha. Além disso, devido à escassez de trabalhadores, ela também recorre à troca de diárias em outras propriedades rurais. Segundo Veiga e Albaladejo (2002, p. 61), esse sistema pode ser compreendido como um “arranjo feito entre dois agricultores no qual ambos entram de acordo quanto à troca de dias de trabalho. Uma vez a primeira diária de trabalho efetuada, o credor convida o devedor, com certa antecedência, a vir devolver a diária”. Ou seja, ao estabelecer acordo de troca de diárias, Dona Maria Izabel ajuda no processo de cultivo de mandioca de outras famílias e, em troca, recebe auxílio semelhante em sua propriedade. Essa prática é comum em comunidades tradicionais e quilombolas e reforça os fortes laços comunitários e de ação coletiva, ajudando a superar os desafios e as limitações encontradas no meio rural (Andreata; Mota, 2022).

Figura 12 - Dona Maria Izabel, sua cunhada e a pessoa (homem) contratada para ajudar nos serviços da roça.



Fonte: Pesquisa de campo (2023).

Outro desafio significativo enfrentado pela agricultora está relacionado às questões de saúde e cuidado. É comum que em situação de adoecimento de pessoas do núcleo familiar, as responsabilidades relacionadas ao cuidado tendem a recair, na maioria das vezes, sobre as

mulheres que fazem parte da família (Carvalho; Borim; Neri, 2022). Essa realidade também se apresenta na história de Dona Maria Izabel, que tendo em vista as condições limitadas de saúde de sua mãe e irmã, assumiu as responsabilidades dos trabalhos agrícolas, domésticos e do cuidado com elas.

Entretanto, devido à idade avançada de sua mãe que, somando aos problemas de saúde e da árdua demanda de cuidados, em 2013, Dona Maria Izabel, como já mencionado, decidiu contratar uma auxiliar para apoiar tanto nos cuidados com sua mãe quanto nas tarefas domésticas. Essa medida foi uma importante estratégia de gestão adotada pela agricultora para reduzir parte da sobrecarga de trabalho que ficava sob sua responsabilidade. Essa tomada de decisão, além de garantir uma melhor assistência à sua mãe, permitiu também que Dona Maria Izabel pudesse se dedicar com mais tranquilidade às atividades agrícolas e a outras demandas externas da propriedade, como ir à cidade, frequentar a igreja e participar de reuniões comunitárias, já que ela ainda possui um papel social ativo.

A situação vivenciada por Dona Maria Izabel enquadra-se em um contexto profundo, onde é cada vez mais comum encontrar mulheres residindo em propriedades familiares cuidando de idosos ou pessoas enfermas (Herrera, 2019). Neste sentido, embora a agricultora possua especificidades, não representa um caso isolado. Conforme já mencionado, atualmente o núcleo familiar da agricultora, que reside na propriedade, é formado apenas por mulheres idosas, enquanto seus cinco filhos residem em Belém, distantes da vida rural, indicando a ausência de sucessores diretos a dar continuidade nas atividades produtivas e práticas ancestrais realizadas pela agricultora.

A configuração familiar de Dona Maria Izabel levanta questionamentos preocupantes e urgentes, sobretudo de como ficará a propriedade familiar, especialmente quanto ao processo sucessório. Nessa perspectiva Breitenbach e Troian (2020), destacam que em decorrência das mudanças estruturais que ocorrem na sociedade, as famílias rurais enfrentam inúmeros desafios quando se trata do processo sucessório, o que sem dúvidas influencia na forma de vivência das famílias. Entre as principais causas relacionadas a este processo no meio rural, podemos destacar a migração dos jovens para a cidade, o que consequentemente é ocasionado pela carência de oportunidades e a pouca perspectiva de crescimento profissional e financeiro, gerando, de certa forma, um desinteresse nos mais jovens em relação à permanência no campo.

A sobrecarga de trabalho assumida por Dona Maria Izabel, somada à ausência de pessoas mais jovens para ajudar nos trabalhos rurais, reforça a preocupação com a continuidade das atividades realizadas por ela. Com o avanço de sua idade e o aumento das limitações físicas, a tendência é que as atividades realizadas na propriedade se encerrem, ou que a área seja cedida

para outras pessoas administrarem, considerando que é um lote de uso familiar herdado de seu pai. Mas, é importante salientar que, sem políticas públicas eficazes voltadas para a permanência no campo, a provável tendência é que aconteça o encerramento das práticas ancestrais com as gerações mais velhas, já que “o trabalho na área rural é constantemente muito árduo, pesado e pouco valorizado, levando assim muitos jovens a optarem pela cidade, seja para estudar, se profissionalizar ou simplesmente escapar das dificuldades enfrentadas na vida rural” (Dias, 2025, p. 28).

Embora sejam muitos os desafios enfrentados no meio rural por Dona Maria Izabel e por muitas outras mulheres, é evidente a importância de sua atuação no fortalecimento da agricultura, principalmente a de base familiar, e na manutenção e cuidado com sua família. Conforme afirmam Vale *et al.* (2025), o trabalho desenvolvido pelas mulheres no campo vai além da esfera produtiva, envolvendo também a conservação da biodiversidade, a soberania alimentar e a preservação de saberes ancestrais, como pode ser evidenciado a partir do relato das atividades desenvolvidas pela agricultora. Sob essa ótica, sua trajetória de vida demonstra as múltiplas facetas do trabalho, e da atuação da mulher rural, destacando a diversidade de funções, o cuidado com a família, a resistência, bem como as constantes estratégias de adaptação diante das dificuldades e das responsabilidades que ela assume.

Após tudo que já foi mencionado, cujos dados são fruto das pesquisas feitas durante os Estágios Supervisionados do curso de Tecnologia em Agroecologia, realizados nos anos de 2022 a 2024, cumpre aqui registrar que, no ano seguinte ao encerramento da pesquisa, isto é, em 2025, a mãe e a irmã da Dona Maria Izabel faleceram e diante desse cenário ela passou a residir sozinha. Tal acontecimento implicou em inúmeras mudanças em sua dinâmica cotidiana, marcando assim, uma nova fase em sua trajetória de vida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo compreender e detalhar sobre o protagonismo de uma agricultora idosa quilombola, que chefia e administra um sistema de produção agrícola familiar composto por mulheres idosas na zona rural de Abaetetuba-PA, enfatizando as dimensões do trabalho, do cuidado e da resistência. A análise permitiu identificar que a interlocutora deste estudo teve sua vida marcada precocemente pelo trabalho, mas também pela inerente resistência de se adaptar em meio às adversidades que atravessaram seu caminho.

Os resultados da pesquisa permitiram compreender que Dona Maria Izabel ocupa um papel central na manutenção e organização da área familiar, sendo a principal responsável não

apenas pelo desenvolvimento das atividades agrícolas, mas pela gestão e administração da propriedade. Neste sentido, sua importante atuação vai além da esfera doméstica, sendo fundamental na produção de alimentos e na preservação dos conhecimentos tradicionais repassados de geração em geração.

Além dos trabalhos relacionados à agricultura, Dona Maria Izabel também assumiu as atividades e responsabilidades do cuidado com a mãe e a irmã. Dessa maneira, evidencia-se as multiplicidades de funções realizadas pela agricultora, bem como sua árdua jornada de trabalho por acumular, paralelamente, às atividades produtivas, as responsabilidades pela gestão da propriedade e do cuidado com o núcleo familiar.

Por outro lado, os dados também mostraram que, mesmo com o passar do tempo e com avanços sociais e políticos conquistados ao longo da história, as mulheres ainda costumam enfrentar muitos desafios, situação que se intensifica ainda mais quando associados às dimensões de raça, faixa etária e pertencimento, como é o caso de Dona Maria Izabel, que por ser mulher, quilombola e idosa fica muito mais propícia a enfrentar preconceito e desvalorização.

Desse modo, conclui-se que valorizar e reconhecer o trabalho das mulheres na agricultura familiar torna-se primordial para a promoção de equidade de gênero e a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, sobretudo em um contexto em que o androcentrismo está profundamente enraizado, silenciando e subestimando os trabalhos produtivos realizados pelas mulheres.

Espera-se ainda que, esta pesquisa consiga colaborar com as discussões acerca de gênero, agricultura familiar e desenvolvimento rural, preenchendo as lacunas existentes na literatura e incentivando novas pesquisas voltadas a esta temática, que vem adquirindo crescente relevância no meio social e científico.

REFERÊNCIAS

- AZAMOR, Christiane Rocha. Pesquisa participante, representações sociais e psicossociologia: diálogos possíveis na escola. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 33, n. 2, p. 137-142, maio/ago. 2021. DOI: <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v33i2/5979>.
- ANDREATA, Helton Kania; MOTA, Dalva Maria da. Sistemas agroflorestais como estratégia de ação coletiva em uma comunidade quilombola da Amazônia oriental paraense. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Belém. v. 60, p. 393-412, jul./dez. 2022

BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades**: os limites da democracia no Brasil. 1. Ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

CARVALHO, Elcyana Bezerra de; BORIM, Flávia Silva Arbex; NERI, Anita Liberal Esso. Sobrecarga percebida por cuidadoras de idosos com demência. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Souza; SILVA, Raimunda Magalhães da; BRASIL, Christina César Praça (org.). **Cuidar da pessoa idosa dependente**: desafios para as famílias, o estado e a sociedade. 1. ed. Fortaleza, CE: Editora da UECE, 2022, p. 251-267.

CORDEIRO, Kelly Martins; COSTA, William da Silva; SENA, Vanessa Thais Dias; CASTRO, Roberta Rowsy Amorim de. O protagonismo feminino em um sistema de produção da comunidade quilombola do Baixo Itacuruçá, Abaetetuba, Pará. *IlianaNGRESSO BRASILEIRO DE AGROECOLOGIA*, 12., 2024, Rio de Janeiro. Cadernos de Agroecologia - **Anais** [...]. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Agroecologia, 2024. v. 19, n. 1, p. 1-6.

CAPORAL, Francisco Roberto; PAULUS, Gervásio; COSTABEBER José Antônio. **Agroecologia**: uma ciência do campo da complexidade. Brasília. 2009, 111p.

CAMARGO, Jéssica Silva Moreira; NAVAS, Rafael. Programas Institucionais de Compra da Agricultura Familiar no Município de Ribeirão Grande/SP: Uma Análise a Partir da Produção e Consumo. **Revista Nera**, São Paulo, v. 20, n. 35, p. 230–245, 2017.

CARRAZZA, Luís. Tecnologias Sociais Agroextrativistas como Estratégia de conservação e Desenvolvimento Local. *In*: OTTERLOO, Aldalice *et al.* (org.). **Tecnologias Sociais**: Caminhos para a sustentabilidade. Brasília/DF: [s.n.], 2009, p. 265-277.

COSTA, Franciele Silva da; COSTA, William da Silva. **Quintais agroflorestais em duas localidades na zona rural de Abaetetuba**: relato de experiência das vivências dos estágios supervisionados do curso superior de tecnologia em agroecologia. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, 2023.

DEERE, Carmem Diana; LÉON, Magdalena. Diferenças de gênero em relação a bens: a propriedade fundiária na América Latina. **Sociologias**, v. 5, n. 10, p. 100-153, jul./dez. 2003.

DENES, Daylan Maykiele; CARVALHO, Fábio Rodrigues. Mulheres quilombolas na Amazônia: trabalho e resistência política. **Revista Diálogos: Economia e Sociedade**, v. 8, n. 2, 2024.

DRUMOND, Viviane. Estágio e docência na educação infantil: questões teóricas e Práticas. **Olhar de Professor**, Ponta Grossa, PR, v. 22, p. 1-13, 2019.

DIAS, Fernanda Maria. **Vivências femininas na agricultura familiar em Barra Longa e Mariana-MG**: produzindo para além da subsistência. 2025. 35 f. Monografia (Graduação em Administração) - Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2025.

ERAZO, Rafael de Lima; COSTA, Sarah Caroline Ferreira das Chagas; SILVA, Lindomar de Jesus de Sousa. A importância da mulher na agricultura familiar: Comunidade Lago Janauacá, Careiro Castanho – AM. **Terceira Margem Amazônia**, [S. l.], v. 6, n. 15, p. 242–255, 2021.

DOI: 10.36882/2525-4812.2020v6i15p242-255. Disponível em: <https://www.revistaterceiramargem.com/terceiramargem/article/view/367>. Acesso em: 25 jun. 2026.

FAIAL, Ana Laura; MOREIRA, Maria Eduarda; NASCIMENTO, Juliana Oliveira Eiró de. Trabalho doméstico feminino como reforço dos estereótipos de gênero na sociedade brasileira. **Revista Jurídica do Cesupa**, [S. l.], v. 6, n. 1, jan./jun, p. 204–226, 2025. Disponível em: <https://periodicos.cesupa.br/index.php/RJCESUPA/article/view/432>. Acesso em: 4 jun. 2026.

FREITAS, Mara Neiva Lima Borges. **O papel da mulher na agricultura familiar**. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (bacharelado em Agronomia)- Centro Universitário do Vale do Araguaia, Barra do Garças, MT, 2024.

FREIRE, Marcella. **As determinações sociais do adoecimento mental das mulheres**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) – Departamento de Serviço Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2023.

FREITAS, Mara Neiva Lima Borges; SILVA ABUD, Lidianne Lemes; COSTA, Silvéria Santos da; SILVA, Claudênia Ferreira da; SILVA, Aglezio Cardoso. O papel da mulher na agricultura familiar. **Scientific Electronic Archives**, [S. l.], v. 18, n. 6, 2025. DOI: 10.36560/18620252118. Disponível em: <https://scientificelectronicarchives.org/index.php/SEA/article/view/2118>. Acesso em: 9 maio. 2026.

FONSECA, Sandy Santos da; CASTRO, Roberta Rowsy Amorim de. Cultivo e beneficiamento de *Manihot esculenta* Crantz. pelos agricultores familiares da comunidade Açaizal, Monte Alegre, Pará. **Revista Agroecossistemas**, Belém, v. 9, n. 1, p. 21-31, out. 2017. ISSN 2318-0188.

Flora e Funga do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>. Acesso em: 10 maio 2026.

GALDINO, Karen Noeme de Sousa. **Agricultura familiar e modo de vida camponês: práticas e desafios no Sítio Mata dos Galdinos em São João do Rio do Peixe – PB**. 2024. 54f. Monografia (Licenciatura em Geografia) – Centro de Formação de Professores, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, Paraíba, Brasil, 2024.

GUEDES, Ana Célia Barbosa; SALGADO, Mayany Soares. Mulheres quilombolas: protagonismo, identidade, Território e territorialidade das mulheres negras em São Miguel do Guamá/Pará. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, [S. l.], v. 14, n. 28, p. 328–354, 2020. DOI: 10.30612/rehr.v14i28.12239. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/historiaemreflexao/article/view/12239>. Acesso em: 20 jun. 2026.

GONÇALVES, Janaina Pinheiro; MIRANDA, Thyago Gonçalves; ALVES, Raynon Joel Monteiro; MARTINS, Ana Cláudia Caldeira Tavares; ANDRADE, Eloísa Helena de Aguiar. A importância socioeconômica dos Sistemas Produtivos Florestais para o modo de vida de Comunidades Quilombolas de Abaetetuba, Pará. In: PONTES, Altem Nascimento; ALBUQUERQUE, Álisson Rangel; MARTINS, Walmer Bruno Rocha (orgs.). **Perspectivas**

e tendências das ciências florestais: uma visão interdisciplinar para a Amazônia. Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais. Belém: EDUPARA, 2021, p. 80-106.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano:** ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GRISA, C. Para além da alimentação: papéis e significados da produção para autoconsumo na agricultura familiar. **Extensão Rural**, [S. l.], n. 14, p. 5–36, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/extensaorural/article/view/5589>. Acesso em: 12 jun. 2026.

GOMES, Josileide Carmem Belo; MARINI, Fillipe Silveira; BARRETO, Laís Leite; FERNANDES, Daniel Germano Pereira; GOMES, Glicerinaldo de Sousa. Abordagem sobre as mulheres na feira agroecológica da Ecocap em João Pessoa – PB. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE AGROECOLOGIA, 12., 2024, Rio de Janeiro. Cadernos de Agroecologia - **Anais** [...]. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Agroecologia, 2024. v. 19, n. 1, p. 1-6.

GEHRING, Mariéli Helfer. **Participação das mulheres na gestão econômica e financeira de propriedades rurais de agricultura familiar.** 2025. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Santa Cruz do Sul, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Santa Cruz do Sul, 2025.

HERRERA, Karolyna Marin. **A jornada interminável:** a experiência no trabalho reprodutivo no cotidiano das mulheres rurais. Tese (Doutorado em Sociologia Política) – Universidade de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. 227 p.

HIRAKURI, Marcelo Hiroshi; DEBIASI, Henrique; PROCÓPIO, Sergio de Oliveira; FRANCHINI, Julio Cezar; CASTRO, Cesar de. **Sistemas de produção:** conceitos e definições no contexto agrícola. Londrina: Embrapa Soja, 2012. 24 p. (Embrapa Soja. Documentos, 335). Disponível em: <http://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/handle/doc/938807>. Acesso em: 8 jun. 2026.

HERRERA, Karolyna Marin. Da invisibilidade ao reconhecimento: mulheres rurais, trabalho produtivo, doméstico e de *care*. **Política & Sociedade**, 2016, v. 15, p. 208–233.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Agropecuário 2017.** Brasília: IBGE, 2017. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=73096>. Acesso em: 22 jul. 2026.

IBGE Cidades: Abaetetuba-Panorama. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/abaetetuba/panorama>. Acesso em: 14 maio 2025.

LIMA, Milena Maria da Silva de; VASCONCELOS, Gilvânia de Oliveira Silva de; NETO, Melanio de Barros Correia. O estágio supervisionado e as práticas pedagógicas da alternância. *In*: III CONGRESSO INTERNACIONAL E V CONGRESSO NACIONAL, 2021, Bahia. Movimentos Sociais e Educação - **Anais** [...]. Bahia: Universidade Estadual do Sudeste da Bahia, 2021. v. 1, n. 1, p. 1-8.

MARTINS, Luiza Avelar; GUERRA, Ana Carolina; TOLEDO, Dimitri Augusto da

Cunha; PEDREIRA, Paulo Vítor Reis; ROSA, Kaio Lucas da Silva. O protagonismo feminino na agricultura familiar: um relato a partir da experiência de incubação do grupo Mulheres Organizadas Buscando Igualdade. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE AGROECOLOGIA, 11., 2020, São Cristóvão, Sergipe. Cadernos de Agroecologia - **Anais [...]**. São Cristóvão, Sergipe: Associação Brasileira de Agroecologia, 2020. v. 15, n. 2, p. 1-4.

MARTINS, Jessyka Lopes; GODINHO, Letícia; CAMPOS, Marina Alves de. “Nem ser mãe, nem não ser”: maternidade e vida profissional de mulheres negras. **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, v. 37, n. 1, jan./jun. 2024.

MENDONÇA, Gabriela Mariano. Trabalho e dupla jornada, reflexões sobre a divisão de tarefas das assentadas do Milton Santos. **Cadernos de Agroecologia**. [S.I.], 2021. v. 16, n. 1, p. 1-13.

MARTINS, Paulo Sodero. Dinâmica evolutiva em roças de caboclos amazônicos. **Estudos avançados**, v. 19, p. 209-220, 2005.

MOREIRA, Éberton da Costa; SCHMITZ, Heribert. A roça, o retiro e a “tapera”: descrevendo os sistemas de produção familiares no município do Acará, Pará, Brasil. **Caribeña de Ciencias Sociales**, n. 6, jun. 2019. ISSN-e 2254-7630.

MELO, Larissa Pinheiro de. **Avaliação da adoção de impactos do sistema de agricultura com uso de corte e queima no município de Mazagão**. 2017. 97f. Dissertação (Mestrado) – Fundação Universidade Federal do Amapá, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional. Macapá, 2017.

ODELLI, Bruna Lopata. **Mulheres no Mercado de Trabalho Brasileiro: avanços, desafios e a construção da igualdade substantiva**. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Direito) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Jurídicas, Florianópolis, 2024.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO - PPC. Universidade Federal do Pará - UFPA. **PPC Agroecologia**. Doc. UFPA, 2018. Disponível em: <https://fadecam.ufpa.br/index.php/graduacao/tecnologia-em-agroecologia>. Acesso em 20 Jun. 2026.

POJO, Eliana Campos; ELIAS, Lina Dantas. O cotidiano das águas na tradição quilombola do rio Baixo Itacuruçá-Abaetetuba, PA. **Tempos Históricos**, v. 22, n. 2, p. 49-72, 2018.

POJO, Eliana Campos. **Gapuiar de saberes e de processos educativos e identitários na comunidade do rio Baixo Itacuruçá, Abaetetuba - PA**. 2017. 243f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Campinas: SP, 2017.

PORTO, Victor Hugo da Fonseca. Sistemas agrários: uma revisão conceitual e de métodos de identificação como estratégias para o delineamento de políticas públicas. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v. 20, n. 1, p. 97-121, jan./abr. 2003.

PEIXOTO FILHO, Reinaldo Nascimento. **Cultivo residencial utilizado por estudantes do campus de engenharias e ciências agrárias da Universidade Federal de Alagoas**. 2024.

63f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Agronomia) – Campus de Engenharias e Ciências Agrárias, Universidade Federal de Alagoas, Rio Largo, 2026.

PEREIRA, Hegair Das Neves; VELLOSO, Tatiana Ribeiro; OLIVEIRA, Diego de Albuquerque. A mulher Quilombola sob uma perspectiva rural. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE AGROECOLOGIA, 11., 2020, São Cristóvão, Sergipe. Cadernos de Agroecologia - Anais [...]. São Cristóvão, Sergipe: Associação Brasileira de Agroecologia, 2020. v. 15, n. 2, p. 1-6.

RENK, Valquiria Elita; BUZQUIA, Sabrina Pontes; BORDINI, Ana Silvia Juliatto. Mulheres cuidadoras em ambiente familiar: a Internalização da ética do cuidado. **Cadernos Saúde Coletiva**, v. 30, n. 3, p. 416-423, 2022.

REGO, Anna Karyne Costa; KATO, Osvaldo Ryohei. Agricultura de corte e queima e alternativas agroecológicas na Amazônia. **Novos Cadernos NAEA**, Belém, v. 20, n. 3, p. 203-224, set-dez 2017, ISSN 1516-6481 / 2179-7536.

RONDON NETO, Rubens Marques; BYCZKOVSKI, Álvaro; WINNICKI, José Alfredo; MARTINS, Sandro Simão Murilo; PASQUALOTTO, Tatiana Carla. Os quintais agrofloreais do assentamento rural Rio da Areia, município de Teixeira Soares, PR. **Cerne**, v. 10, n. 1, p. 125-135, jan./jun. 2004.

SOUSA, Luana Passos de; GUEDES, Dyeggo Rocha. A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. **Estudos Avançados**, v. 30, n. 87, p. 123-139, 2016.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. Livro eletrônico. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2013. Disponível em: https://presencial.moodle.ufsc.br/pluginfile.php/632598/mod_resource/content/1/Metodologia_do_Trabalho_Cient%C3%ADfico_-_1%C2%AA_Edi%C3%A7%C3%A3o_-_Antonio_Joaquim_Severino_-_2014.pdf. Acesso em: 8 jun. 2026.

SANTOS, Antônio Henrique dos; SILVA, João Antônio Montibeller Furtado e; SILVA, Edson. Policultivo em Itajaí - uma opção agroecológica à agricultura. *In*: MATOS, Raissa Rachel Salustriano da Silva; MACHADO, Nitalo André Farias; CORDEIRO, Kleber Veras (org.). **Sistemas de produção na ciência agrária**. Ponta Grossa- PR: Atena, 2021. p. 204-215.

SOUSA, Fagner Freires de; BARROS, Flávio Bezerra; SILVA, Camila Vieira da. Miriti: alimentação e renda na várzea amazônica, Abaetetuba-PA. **Cadernos de Agroecologia**, v. 10, n. 3, 2015.

SILVA, Elymelry Melo da; HOUNSELL, Erika Priscilla de Freitas; SOUZA, Júlio César Pinto de; MORAIS, Yasmim Luana Firmo. Impactos da tripla jornada de trabalho na saúde mental de mulheres profissionais, mães e acadêmicas de instituições privadas. **Revista Científica Multidisciplinar**, [S. l.], v. 7, n. 6, p. e768216, 2026. DOI: 10.47820/recima21.v7i6.8216. Disponível em: <https://recima21.com.br/recima21/article/view/8216>. Acesso em: 14 jun. 2026.

TEDESCHI, Losandro Antonio. A poderosa “Mão Invisível” da vida cotidiana: Reflexões sobre gênero e trabalho na História das mulheres camponesas. **Revista História & Perspectivas**, 2013, v. 26, n. 49, p. 439-457.

VERDEJO, Miguel Expósito. **Diagnóstico rural participativo**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006, p. 22-39.

VEIGA, Iran; ALBALADEJO, Christophe. A formação do território a nível local e a emergência da ação coletiva: análise das trocas simbólicas em duas coletividades locais da região de Marabá, Amazônia Oriental. **Agricultura familiar: pesquisa, formação e desenvolvimento**, v. 1, n. 3, p. 41-77, 2002.

VALE, Larissa Mesquita do; CAVALCANTE, Isadora D' Lourdes Araújo; AMORIM, Aiala Vieira; SOUSA, Ana Júlia Oliveira de; HOLANDA, Ana Karina Cavalcante; XAVIER, Antonio Roberto. Terra, gênero e saberes tradicionais: o protagonismo da mulher rural. **Cadernos Cajuína**, [S. l.], v. 10, n. 4, p. 1093, 2025. DOI: 10.52641/cadcajv10i4.1093. Disponível em: <https://v3.cadernoscajuina.pro.br/index.php/revista/article/view/1093>. Acesso em: 11 maio 2026.

YIN, Robert. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005. 105 p.

ANEXO A – QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO UTILIZADO DURANTE OS ESTÁGIOS DE CAMPO II E III, CUJOS ALGUNS DADOS COLETADOS RESULTARAM NESTE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO



Universidade Federal do Pará
Campus Universitário de Abaetetuba
Faculdade de Formação e Desenvolvimento do Campo

Formulário – Estágios
Turma: Agroecologia 2020

Nome _____ dos(as) _____ entrevistadores(as): _____

Nome da propriedade/terreno: _____
Período: _____ Localidade: _____

ASPECTOS GERAIS DA FAMÍLIA, DO LOTE E DAS RELAÇÕES ESTABELECIDAS COM O MEIO ENVOLVENTE

Qual o nome (apelido) e idade do casal?

Homem: _____ Idade: _____

Mulher: _____ Idade: _____

Contato telefônico: _____

COMPOSIÇÃO DA FAMÍLIA:

Nº	Nome	Idade	Parentesco	Escolaridade	Principais atividades desenvolvidas agrícolas e não agrícolas	Naturalidade	Reside no lote	Estuda (Sim ou Não)
01								

02								
03								
04								
05								
06								
07								

Qual a localização da propriedade/terreno: _____

Qual o tamanho da propriedade/terreno? _____

HISTÓRIA DA FAMÍLIA

Objetivo: compreender a trajetória familiar antes e depois de formarem a família

Qual a trajetória individual antes de formarem a família?

O casal morou em outros lugares antes de vir para a propriedade/localidade/comunidade?

Há quanto tempo estão no lote/terreno?

Por que motivo vieram para esta localidade?

Se tiverem filhos, qual o ano de nascimento deles?

Trajetoira do casal (Antes do lote, no lote e atual)

	Local a partir da origem	Período (anos)	Atividades Desenvolvidas	Já possuía terra?
Esposa (antes do casamento)				
Marido (antes do casamento)				
Casal (Fases)	Local onde moraram	Período	Composição Familiar	Situação em relação à

				terra (posse, propriedade, etc.)

Quais as principais dificuldades na propriedade/terreno quando chegaram/formaram a família?

Quais as experiências do casal com a agricultura, criações ou extrativismo (animal, vegetal e mineral) antes da vinda para a propriedade?

Qual a forma de aquisição da terra/terreno?

- () Compra - Valor: R\$ _____
 () Troca - Trocou em quê? _____
 () Herança
 () Arrendada - Valor do arrendamento: R\$ _____
 () Outros: _____

Possui documentação da terra/terreno? () Sim. () Não. Se sim, quais:

- () Título definitivo / individual ou coletivo
 () Posse
 () Recibo de compra e venda
 () Documentação de regularização ambiental
 () Não tem nenhum documento
 () _____

Benfeitorias existentes no imóvel: (1) Ótimo (2) Bom (3) Regular (4) Ruim R\$== Custo inicial					
Casa ()	Cerca ()	Casa da Farinha ()	Pocilga/porcos ()	Viveiro ()	Aviário ()
Ano: R\$	Ano: R\$	Ano: R\$	Ano: R\$	Ano: R\$	Ano: \$
Outro: _____	Outro: _____	Outro: _____	Outro: _____	Outro: _____	Outro: _____
Ano: _____	Ano: _____	Ano: _____	Ano: _____	Ano: _____	Ano: _____

3

R\$	R\$	R\$	R\$	R\$	R\$
-----	-----	-----	-----	-----	-----

Possui outra propriedade/terreno em área rural e/ou urbana?

() Sim () Não

Tamanho da área: _____ ha

Onde fica: _____

Já recebeu alguma proposta para vender sua propriedade/terreno? Se vendeu, quais as motivações? Se não, o que o motivou a não vender?

Tem interesse em adquirir mais terras? Se sim, qual a finalidade da aquisição?

CRÉDITO E ATER

Verificar o histórico de crédito e de financiamento da família

Tipo de crédito	Atividade financiada	Valor R\$	Valor da parcela R\$	Qtd de parcelas pagas

Como tomou conhecimento do crédito?

Houve dificuldade para ter acesso ao crédito?

Recebeu assistência técnica para a atividade financiada?

Quando? _____

De quanto em quanto tempo é feito o acompanhamento _____

4

Qual o órgão que acompanha/acompanhou o financiamento?

Já recebeu ou recebe Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) sem ser de financiamento? De qual instituição? Quando? Sobre o que? Atividades desenvolvidas durante o processo de ATER.

Já participou de dias de campo, seminários, cursos, capacitação?

Quais? _____

Onde? _____

Quando? _____

Qual tema? _____

- Qual sua opinião com relação a essas orientações? Prática algumas delas?

- Houve resultados da ATER recebida no funcionamento do lote/terreno?

Existem outros meios de obtenção de informação sobre informações técnicas (tv, revista, vizinhos, internet)?

SITUAÇÃO SOCIAL DA FAMÍLIA (MEIO SOCIOECÔNOMICO)

Participa de alguma organização social (associação, cooperativa, sindicato)?

() Sim. () Não.

Caso participe, qual? E desde quando?

O que leva a participar dessas organizações sociais?

Quais os benefícios que a organização trouxe (créditos, cursos, técnicos, ATER, etc.)?

Existem relações de trabalho entre os agricultores na comunidade?

() Troca de diárias

() Meia

() Venda de mão de obra

() Mutirão

5

() Outros: _____

Como é a relação com vizinhos? Há espaços de convivência na comunidade? Há conflitos?

Alimentos e outros bens comprados:

Qual o percentual dos alimentos consumidos pela família teve que ser comprado, isto é, de fora do lote? Tentar verificar em relação ao consumo médio mensal.

() Nada foi comprado

() Até 10% do que foi consumido

() de 11 a 30% do que foi consumido

() de 31 a 50% do que foi consumido

() de 51 a 70% do que foi consumido

() mais de 70% do que foi consumido

Quais os principais produtos alimentícios adquiridos? Onde esses produtos foram comprados?

Como avalia a qualidade dos alimentos comprados e dos outros alimentos consumidos pela família?

Como avalia a quantidade de alimentos disponíveis para o uso alimentar no terreno? No último ano (levar em consideração o último ciclo agrícola) teve alguma situação em que foi necessário comprar alimentos para a manutenção da família, mas não tinham recurso financeiro para adquirir?

No último ano (levar em consideração o último ciclo agrícola) teve alguma situação em que faltou alimento para a manutenção da família? Se sim, qual a frequência e como resolveram a situação?

Quais itens, produtos não alimentícios, costumam ser adquiridos pela família? Onde esses produtos foram comprados?

Religiões e festividades:

A família possui alguma religião? Se sim, qual? Qual a frequência de participação em missas, cultos, encontros?

6

A família ou algum membro possui atuação ou liderança na comunidade? De que tipo? Há algum tipo de conflito ou discordâncias religiosas entre pessoas da comunidade e a família?

A religião influencia em alguma prática coletiva, por exemplo, mutirões? Se sim, como?

Infraestrutura local (comunidade)

Educação:

Como é o acesso à educação na comunidade? Há escolas? Se sim, para quais níveis de ensino?

Transporte:

Quais os meios de transporte utilizados pela família? Qual a frequência de disponibilidade? Quais os preços?

Como é feito escoamento dos produtos? Quanto pagam?

Caracterize o estado das vias de acesso à comunidade.

Energia elétrica e internet: histórico e contexto atual.

Há energia elétrica na casa? Se sim, qual a fonte geradora/fornecedora (Rede pública, motor, placas solares etc.)? Desde quando está disponível? Quais os principais problemas relacionados à energia elétrica?

- Energia Elétrica:	() Tem com Relógio	() Tem sem Relógio	() Gerador próprio	() Não tem	() Outro:
- Avaliação de fornecimento de Energia:	(1) Ótimo	(2) Bom	(3) Regular	(4) Ruim	

Tem internet disponível? Qual a fonte?

Saneamento/Coleta de lixo/Reciclagem:

- Abastecimento de Água: () Rede Geral () Poço Artesiano () Poço céu aberto () Rio/Igarapé () Outro: _____
- Avaliação de Abastecimento de Água: (1) Ótimo (2) Bom (3) Regular (4) Ruim Por quê?
- Destinação do lixo: () Coleta pública () Enterra () Céu aberto () Queima () Outros: _____
- Avaliação da destinação do lixo: (1) Ótimo (2) Bom (3) Regular (4) Ruim Por quê?
- Eliminação dos Dejetos: () Rede de esgoto () Fossa séptica () Vala a céu aberto () Outros: _____

Serviços de saúde, Acesso aos serviços de Agente Comunitário de Saúde (ACS)

- Doenças Frequentes:				
() Verminoses	() Hepatite	() Febre amarela	() Dengue	() Malária
() Câncer	() Diabete	() Alergia	() Micose	() Diarreia
() Outra: _____				

Existe posto de saúde na comunidade? Se sim, como é o serviço (presença e frequência de profissionais de saúde, disponibilidade de remédios e vacinas, etc.)? Se não, onde a família encontra atendimento de saúde quando necessário?

Recebe acompanhamento de Agente Comunitário(a) de Saúde (ACS) na casa? Se sim, como ocorre e a frequência?

Relação com Universidades/Institutos/Órgãos públicos:

Qual relação/proximidade/acesso da família em relação:

- Instituições de Ensino Superior Públicas (UFPA, IFPA, UFRA, UEPB): Muito baixa () Baixa () Média () Boa () Muito boa (). Com qual(is) instituições?
- Instituições de Ensino Superior Privadas: Muito baixa () Baixa () Média () Boa () Muito boa (). Qual(is)?
- Instituições de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER, Secretaria de Agricultura, etc.): Muito baixa () Baixa () Média () Boa () Muito boa (). Qual(is)?
- Prefeitura: Muito baixa () Baixa () Média () Boa () Muito boa () Qual(is)?

E. Outras:

Quais os planos (intenções ou objetivos a médio e longo prazo) da família?
CARACTERÍSTICAS DA UNIDADE DE PRODUÇÃO

Qual o tamanho do terreno da família (envolve as áreas de moradia, de uso para agricultura, de mata, de capoeira, etc.)?

Como era a propriedade ao chegar/terreno (buscar fazer a evolução do uso da terra e da cobertura vegetal, ou seja, qual a situação do lote de acordo com as fases da família)?

Fazer o croqui da propriedade/terreno (ATUAL) – Fazer no verso da página

Cobertura vegetal: Como o lote/terreno está dividido atualmente (área e porcentagem)?

Tipo de cobertura vegetal	Área (alqueire, hectare, tarefa)	Porcentagem (%) em relação ao tamanho total do lote
Mata		
Capoeira/juquira		
Culturas anuais		
Culturas perenes e semi perenes		
Sítio / Pomar/ Quintal Agroflorestal		
Outro		
Outro		
Total		

Meio Biofísico

Solos (tipos predominantes)? Verificar se há variação do tipo de solo para cada um dos tipos de cobertura vegetal do Croqui.

Relevo? (plano, declivoso, montanhoso, várzea, igapó, etc.) Verificar o relevo para cada um dos tipos de cobertura vegetal do Croqui.

9

Clima: Épocas de chuva? Há seca ou alagamento no lote/terreno? Qual período do ano? Houve mudanças no clima desde a chegada ao lote?

Recursos hídricos (igarapés, nascente, poço, rio)

De onde a família obtém os recursos hídricos? Fontes? Quantidade? Qualidade?

As dificuldades (em relação aos recursos hídricos) encontradas na chegada da família no lote? E atualmente?

Na propriedade/terreno tem alguma nascente e qual sua finalidade?

Os recursos hídricos têm mata ciliar - cobertura vegetal/proteção? Como se encontram quanto à sua conservação e de que forma são utilizados?

Se não houver mata ciliar, há plano para recuperá-la?

SUBSISTEMA DE CULTIVO

Cultura agrícola	Área (ha)	Destino (Quantidade para Venda)	Destino (Quantidade consumida)		Quantidade estocada	Valor de mercado (venda) (R\$/kg)	Custos e investimentos das atividades	
			família	animais			Tipo de custo	Preço de compra

10

OBS: Considerar o ano agrícola de outubro 2022/setembro 2023.

Onde adquire as sementes/material para propagação [ex.: manivas] para a realização dos plantios?

Como é feito o preparo da área para o plantio (uso do fogo, mecanização, roçagem, capina, etc.)?

Realiza adubação? Especificar o tipo.

Qual a periodicidade destas adubações? Qual cultura é adubada?

Descrever o itinerário técnico das principais culturas - ITINERÁRIO TÉCNICO

Cultura agrícola	Prática/calendário agrícola	Período	Por que faz?	Como faz?	Mão-de-obra/dias trabalhados*		
					Quantidade familiar	Quantidade contratada	Valor da diária

11

*horas/dia, dias/semana, dias/mês, dias/ano (verificar se há divisão do trabalho por gênero e idade no trabalho exercido pela família)

Principais dificuldades enfrentadas relacionadas ao sistema de cultivo? (mercado/comercialização, fitossanidade (doenças e pragas), mão-de-obra, transporte, outros, fatores externos)

Quais são seus planos (objetivos) relacionados ao sistema de cultivo? (Pode ser por tipo de cultura ou considerar todas as culturas do subsistema de cultivo)

Quais ferramentas e equipamentos utilizados nas atividades de manejo agrícola, ano de aquisição dos mesmos e o preço de aquisição? Listar.

QUINTAL AGROFLORESTAL (A área que fica nas proximidades da casa, onde têm plantas medicinais, espécies de frutíferas, plantas ornamentais etc.)

Qual o tamanho do Quintal agroflorestal?

Quais espécies frutíferas existem no quintal e a finalidade (venda/consumo/doação) das mesmas?

Quais espécies são comercializadas? Qual o preço pago pelos compradores? Qual a quantidade vendida anualmente? Listar em uma

12

tabela.

Possui horta? Quais as espécies cultivadas? Qual a finalidade (venda/consumo) das mesmas?

Cultiva plantas medicinais e/ou ornamentais? Quais?

Especificar quais plantas compõem o quintal e quais compõem a horta (se houver)

Plantas	Quantidade (número estimado de plantas)	Destino (Quantidade para <u>Venda</u>)	Destino (Quantidade consumida)		Quantidade estocada	Valor de mercado (venda) (R\$/kg)	Custos e investimentos das atividades	
			família	animais			Tipo de custo	Preço de compra

13

OBS: Considerar o ano agrícola de outubro 2022/setembro 2023.

Descrever o itinerário técnico das principais culturas - ITINERÁRIO TÉCNICO

Espécie	Prática	Período	Por que faz?	Como faz?	Mão-de-obra/ dias trabalhados*		
					Quantidade Familiar	Quantidade contratada	Valor da diária

*horas/dia, dias/semana, dias/mês, dias/ano (verificar se há divisão do trabalho por gênero e idade no trabalho exercido pela família)

Principais dificuldades enfrentadas relacionadas ao quintal agroflorestal? (mercado, fitossanidade (doenças e pragas), mão-de-obra, transporte, outros, fatores externos)

14

SUBSISTEMA DE CRIAÇÃO

Criação	Quantidade (unidade e tipo (exemplo: aves – pintos, galinhas, galos))	Destino (Quantidade para Venda)	Destino (Quantidade consumida)*	Preço de venda no mercado - atravessadores, nas feiras etc. (por unidade ou kg)	Quanto dias de trabalho para o manejo da criação? Tipo de mão-de-obra aplicada (Familiar ou Contratada) quanto é familiar e quanto é contratada (em dias)?	Custos e investimentos das atividades	
						Tipo de custo	Preço de compra
Galinhas							
Suínos							
Peixes							
Abelhas							
Patos							

15

OBS: Considerar o ano agrícola de outubro 2022/setembro 2023.

Desde quando trabalha com esse tipo de criação e por quê?

Como e onde os animais são adquiridos?

Quais as instalações existentes na propriedade?

() curral () chiqueiro/pocilga () galinheiro () outros: _____

Como é feita a alimentação dos animais (Quais os tipos de alimentos – ração comprada pronta ou feita na propriedade, qual o período é feito? Qual a frequência? Qual a quantidade dia/categoria de animais?

Descrever o itinerário nas principais criações - ITINERÁRIO TÉCNICO

Criação animal	Prática	Período	Por que faz?	Quem faz?	Mão-de-obra/ dias trabalhados*		
					Quantidade Familiar	Quantidade contratada	Valor da diária

16

*horas/dia, dias/semana, dias/mês, dias/ano (verificar se há divisão do trabalho por gênero e idade no trabalho exercido pela família)

Quais as ferramentas e equipamentos utilizados nas atividades de manejo das criações, ano de aquisição dos mesmos e preço de aquisição? Listar.

MANEJO SANITÁRIO

Quais as principais pragas e doenças que afetam as criações? Sintoma aparente?

Quais as principais formas de controle?

Realiza limpeza e desinfecção das instalações? Se sim, como faz? Qual o período?

Faz vacinação/tratamento com medicamento dos animais?

() Sim – Qual os tipos de vacinação, para quais animais? Qual o período? _____

() Não - Por quê? _____

Quais as principais limitações do sistema criação? () Recursos hídricos () Instalações () Alimentação () Tamanho da área

() mão-de-obra () doenças () Outras: _____

MANEJO REPRODUTIVO

É utilizada alguma técnica de reprodução no sistema de criação animal? (exemplo: inseminação artificial em bovinos; indução de

17

hormônios nos peixes, seleção de matrizes e reprodutores, etc.)

Existe acompanhamento de algum profissional para executar as técnicas de reprodução?

O produtor/produtora sabe a importância de realizar o manejo reprodutivo dos animais de forma adequada?

Explicar de forma sucinta (resumida) como acontece o manejo reprodutivo das espécies criadas na propriedade.

18

SUBSISTEMA EXTRATIVISTA - AGROEXTRATIVISTA

Produtos extrativistas (Espécies)	Quantidade	Finalidade (uso, consumo, venda, fabricação de utensílios, artesanato, medicamento construções, etc.	Destino (Quantidade para Venda)	Destino (Quantidade consumida)*	Preço de venda no mercado (por saca, quilo, rasa, litro, etc.)	Quanto dias de trabalho para o extrativismo? Tipo de mão-de-obra aplicada (Familiar ou Contratada) quanto é familiar e quanto é contratada (em dias)?	Custos e investimentos das atividades	
							Tipo de custo	Preço de compra
Vegetais								
Açaí								
Miriti								
Ucuúba								
Andiroba								
Murumuru								
Jupati								
Lenha (carvão)								

19

Animais								
Macaco								
Paca								
Capivara								
Jaboti								
Preguiça								
Peixes (anotar as principais espécies)								
Camarão								

OBS: Considerar o ano agrícola de outubro 2022/setembro 2023 e a possibilidade de estoque de produtos extrativistas (ex.: óleos).

20

ITINERÁRIO TÉCNICO

Atividade extrativista	Prática/calendário	Período	Por que faz?	Como faz?	Mão-de-obra/ dias trabalhados*		
					Quantidade Familiar	Quantidade Familiar	Valor da diária

*horas/dia, dias/semana, dias/mês, dias/ano (verificar se há divisão do trabalho por gênero e idade no trabalho exercido pela família)

Quais as ferramentas e equipamentos utilizados nas atividades agroextrativistas, ano de aquisição dos mesmos e preço de aquisição? Listar.

SUBSISTEMA DE ATIVIDADES ANEXAS e RENDAS EXTRAS

A família possui outras rendas além das geradas na propriedade – aposentadoria, auxílios sociais governamentais, aluguel de casas, bar, mercearia, revenda de produtos etc.? Se sim, quais e quanto recebe ou obtém em cada uma das atividades?

Há venda de mão-de-obra e trabalho assalariado de membros da família para fora do lote/terreno?

Nome	Serviços	Renda/Salário (R\$/mês)	Venda de diárias/mês	Valor da diária por ano (R\$/dia)

21

OBS: Considerar o ano agrícola de outubro 2022/setembro 2023.

COMERCIALIZAÇÃO

Para quem é vendida a produção? (especificar por cultura, criação e atividade extrativista)

Atravessador _____

Consumidor _____

Outros: _____

Canais de comercialização acessados pela família

Assinale todos os canais que a família acessa para comercializar os produtos

	Produtos
☐ mercado institucional [Programa de Aquisição Alimentos e Programa Nacional Alimentação Escolar]	
☐ super e hipermercados	
☐ varejo de pequeno porte (lojas, mercados e mercearias)	
☐ atacadista e distribuidores	
☐ feiras e outras formas de venda direta ao consumidor	
☐ comercialização virtual	
☐ outros canais de comercialização	
Total	

Já foi convidado para participar de feiras da agricultura familiar e/ou de economia solidária? Se sim, quantas vezes foi? Quais os produtos comercializados?

22

BENEFICIAMENTO DOS PRODUTOS (SISTEMAS DE CULTIVO, CRIAÇÃO E EXTRATIVISTA)
 Beneficia produtos dos sistemas de produção? Se sim, quais e como é o processo?

Produto - Descrição do processo de transformação em subproduto	Qtde. produzida	Qtde. vendida	Preço	Qtde. consumida	Qtde. estocada	Custo de produção	Dias Trabalhados	Quem faz?

OBS: Considerar o ano agrícola de outubro 2022/setembro 2023.

Quais as etapas da comercialização (in natura/beneficiado - subproduto) por cultura, criação e produto extrativista e quais as dificuldades?

Está satisfeito com o preço pago pelos produtos?

Das atividades realizadas, qual a mais rentável – o carro chefe que mais contribui com a renda familiar?

ANEXO B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E GRAVAÇÃO



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO CAMPO
 Rua Manoel de Abreu, s/n, Bairro: Mutirão, CEP: 68.440-000 FONE/FAX: (91)3751-1131/3751-1107
 Abaetetuba – Pará

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, _____, brasileiro(a), estado civil _____, telefone _____, residente no endereço _____, cidade de _____/Pará, AUTORIZO a gravação, o registro e o uso de minha imagem (e da minha família) durante as atividades de pesquisa dos componentes curriculares denominados Estágio Supervisionado II e Estágio Supervisionado III do curso de Tecnologia em Agroecologia da Universidade Federal do Pará - Campus Abaetetuba, a ser realizado no período de 11 a 17/10/2023, sem qualquer ônus. Os Estágios Supervisionados II e III têm como objetivos: Permitir ao estudante realizar levantamentos mais aprofundados referentes aos elementos do sistema de produção e acompanhamento sistemático do ciclo agrícola nos espaços de produção, aplicando os conhecimentos técnico-científicos adquiridos ao longo do curso. Descrição dos espaços e sistemas de produção (cultivo, agroextrativista, criação animal), no nível das parcelas, dos rebanhos e dos espaços locais de exploração dos recursos naturais disponíveis, apontando fluxos. Indicar as principais atividades a serem acompanhadas em maior profundidade no próximo estágio. Permitir ao estudante aprofundar a descrição e análise das principais atividades desenvolvidas pela família, relacionando também com a comunidade, e aspectos culturais e sociais apreendidos nos trabalhos de campo anteriores. Identificar as interações entre os sistemas e subsistemas, os principais fatores limitantes e entraves, bem como as potencialidades, de modo a possibilitar a composição de um projeto final de melhorias e proposições, a ser apresentado no 4º estágio. A presente autorização abrangendo o uso da minha imagem na gravação e/ou registro acima mencionados é concedida aos discentes do referido curso, abaixo discriminados:

NOME COMPLETO	CPF	RG	TELEFONE	ENDEREÇO

As imagens capturadas poderão ser utilizadas em relatórios de pesquisa e trabalhos acadêmicos de abrangência nacional e internacional, bem como apresentadas em eventos científicos. Por esta ser a expressão da minha vontade, DECLARO QUE AUTORIZO os usos acima descritos, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à imagem ora autorizada ou a qualquer outro, assinando o presente documento em duas vias de igual teor e forma, ficando uma em minha posse.

Abaetetuba-PA, ____ de outubro de 2023.

Assinatura